

**FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DA  
UNIVERSIDADE DO PORTO**

**RELAÇÃO AVÓS-NETOS ADOTADOS:  
IMPACTO DO ENVOLVIMENTO DOS AVÓS NO PROCESSO DE ADOÇÃO NA  
RELAÇÃO COM O NETO  
*ESTUDO EXPLORATÓRIO***

*Ana Filipa Abreu Monteiro*

**Outubro, 2011**

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado em Psicologia

Especialização em Intervenção Psicológica, Educação e Desenvolvimento Humano

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

Orientação da Professora Doutora Maria Adelina Barbosa Ducharne

## **Agradecimentos**

O culminar desta dissertação de mestrado representa não só o fim de um longo trabalho de investigação, mas também de um longo e árduo percurso de crescimento e descoberta pessoal em que muitos (direta ou indiretamente) são responsáveis por eu ter chegado até aqui...

À minha orientadora, Doutora Maria Adelina Barbosa Ducharne, pelo precioso acompanhamento e paciência ao longo desta etapa em que tudo é sentido como novidade e dificuldade. Sem a sua ajuda esta dissertação de mestrado não seria possível.

A toda a equipa de investigação do projeto IPA, em especial à Raquel Barroso, pelo companheirismo e pela disponibilidade para a colaboração e ajuda mútua.

À Doutora Isabel Queirós e à Doutora Teresa Domingos pelo cariz inspirador dos seus estudos.

A todas as famílias e avós por me terem acarinhado e disponibilizado parte do seu tempo para colaborarem comigo. Foram eles que converteram a recolha de dados deste estudo em momentos de interesse e aprendizagem.

Aos meus amigos pela constante preocupação e cuidado comigo! Um obrigada pelos convívios e jantaradas que me fizeram distrair dos compromissos e da tensão.

Aos meus avós pelos exemplos de coragem e persistência que me inspiraram ao longo deste percurso. Aos meus tios e às minhas primas pelas palavras de incentivo.

Ao meu Pai, à minha Mãe e aos meus Manos que são elementos fundamentais na concretização desta meta. Obrigada por estarem sempre tão presentes na minha vida, por me transmitirem tanto amor e por, também vocês, se terem esforçado por eu chegar até aqui.

Ao Pedro, porque ele sempre esteve ao meu lado! Obrigada pelo constante apoio e pela tolerância às minhas ausências. Mas acima de tudo, obrigada pelo amor, compreensão e carinho nos bons e maus momentos.

Por último, mas não menos importante, a Alguém que tem sido meu companheiro e meu confidente e que longe, mas sempre tão perto, guiou cada escolha e cada passo meu ao longo desta caminhada...

## Resumo

Apesar de na atualidade a relação entre avós e netos ser reconhecida como um importante contexto relacional não somente para os seus intervenientes diretos, mas também para a restante família, no que respeita às famílias adotivas, esta relação não tem sido objeto de estudo regular nem tem sido abordada em muitas investigações. No entanto, os únicos estudos existentes evidenciam o importante papel dos avós em contexto de adoção na medida em que ao aceitarem a criança adotada estão a contribuir para que ela se integre com mais facilidade na sua nova família.

O principal objetivo desta investigação refere-se ao estudo da relação entre avós e netos adotados, a partir da teoria da solidariedade familiar intergeracional, e ao confronto dessa relação com a relação avós-netos em famílias convencionais cujos laços entre estes dois intervenientes são biológicos. A par disso, pretende-se conhecer as principais vivências dos avós relativas à adoção, perceber as suas representações acerca da mesma e explorar o impacto do significado que atribuem à adoção na relação que estabelecem com o neto adotado.

Participaram neste estudo 61 avós com uma média de 69 anos de idade ( $M= 69.21$ ;  $DP= 6.76$ ), sendo que 63.9% deles são do sexo feminino e 36.1% são do sexo masculino. Em termos de linhagem, verifica-se que 44.3% dos avós ascendem de uma linhagem materna e 55.7% ascendem de uma linhagem paterna. Os seus netos adotados têm uma média de 8 anos de idade ( $M= 8.57$ ;  $DP= 3.31$ ) e de 5 anos de tempo de adoção ( $M= 5.33$ ;  $DP= 3.08$ ).

Aos avós foi aplicada a Entrevista a Avós sobre o Processo de Adoção (Barbosa-Ducharne, Monteiro & Barroso, 2011) que aborda várias áreas, nomeadamente as representações dos avós acerca da adoção, as vivências dos mesmos no processo de adoção do neto e a natureza da relação dos avós com o seu neto adotado.

Na perspetiva dos avós, a relação avós-netos adotados é caracterizada como muito positiva, destacando-se a dimensão afetiva. Os fatores que determinam variabilidade nesta relação são os seguintes: a linhagem e os anos de estudo do avô, o sexo do neto, o número total de netos e a posição que o neto ocupa no conjunto total de netos. Comparando esta relação com a relação avós-netos em famílias convencionais, verifica-se que com os netos adotados a relação é descrita com valores superiores em todas as dimensões para ambas as faixas etárias de comparação – idade escolar e adolescência. Este estudo evidencia ainda que as vivências dos avós no processo de adoção são caracterizadas como muito positivas, sendo que é esta experiência como família adotiva que condiciona a construção do conceito de adoção e não a informação veiculada pelos *media*. Além disso, verifica-se que o significado atribuído pelos avós à adoção tem impacto diferencial sobre as dimensões da relação avós-netos adotados.

Estes resultados dão pistas para futuras investigações, mas também constituem uma base de reflexões importantes sobre a pertinência de integrar os avós na construção do projeto de adoção que se pretende que seja de construção de uma família, por via da adoção.

## Abstract

Although at present the relationship between grandparents and grandchildren is recognized as an important relational context, not only for the direct participants, but also for the rest of the family, with regard to adoptive families, this relationship hasn't been object of regular investigation nor has it been addressed in many studies. However, the only existing studies highlight the important role of grandparents in the context of adoption to the extent that as to accept the adopted child they are contributing for a more easily integration of the child into their new family.

The main goal of this investigation refers to the study of the relationship between grandparents and adoptive grandchildren, from the theory of intergenerational family solidarity, and to the confrontation of that relationship with the one between grandparents-grandchildren in conventional families in which the bonds between these participants are biological. In addition, we intend to visit the main experiences of the grandparents on adoption, understand their representations of it and explore the impact of the meaning they attach to the adoption on the relationship they establish with the adopted grandchild.

Sixty-one grandparents with an average age of 69 years-old ( $M=69.21$ ;  $SD=6.76$ ) participated in this study and 63.9% of them are female and 36.1% are male. In terms of lineage, 44.3% of grandparents are of maternal lineage and 55.7% are of paternal lineage. The adopted grandchildren are 8.57 ( $SD=3.31$ ) years-old, on average, and have been living with their adoptive families for 5.33 ( $SD=3.08$ ) years, on average.

The grandparents were interviewed under Interview to grandparents about adoption (Barbosa-Ducharne, Monteiro & Barroso, 2011), which covers several topics, one of them being the attitudes of grandparents towards adoption, their experience of adoption, and the nature of the relationship between grandparents and the adopted grandchild.

From the grandparents' perspective, the relationship between grandparents and adopted grandchildren is characterized as very positive, highlighting the affective dimension. The factors that determine variability in this relationship are: the lineage and years of study of the grandfather, the sex of the grandchild, the total number of grandchildren and the position that the grandchild occupies in the total set of grandchildren. Comparing this relationship with the relationship between grandparents-grandchildren in conventional families, it appears that with the adopted grandchildren the relationship is described with higher values in all dimensions for both of the age groups comparisons - school age and adolescence. This study also shows that the experiences of grandparents regarding adoption are very positive and have a stronger impact in the development of the concept of adoption for grandparents than the information given by the media. Moreover, it appears that the meaning attributed to the adoption by the grandparents has a differential impact on the dimensions of the relationship between grandparents and adopted grandchildren.

These results give clues for further investigation, but also constitute an important basis for reflections on the relevance of integrating the grandparents in the construction project of adoption that is intended to be building a family through adoption.

## Résumé

En dépit du fait que le rapport entre les grands-parents et les petits-enfants est actuellement reconnu comme un important contexte relationnel, non seulement pour les intervenants directs, mais aussi dans le sein de la famille elle-même en ce qui concerne les familles adoptives, ce rapport particulier n'a pas fait l'objet d'étude de façon régulière, et n'a pas davantage été abordé dans grand nombre de recherches. Cependant, les seules études existantes mettent en évidence le rôle important joué par les grands-parents : l'acceptation par les grands-parents de l'enfant adopté aide à ce que l'enfant s'intègre plus facilement dans sa nouvelle famille.

L'objectif principal de cette recherche est l'étude du rapport entre les grands-parents et les petits-enfants adoptés, selon la théorie de la solidarité intergénérationnelle, et en le confrontant avec le rapport entre grands-parents et petits-enfants dans des familles conventionnelles où le lien est biologique. Par ailleurs, on s'intéresse à connaître la façon dont les grands-parents ont vécu le processus d'adoption de leur petit-fils ou petite-fille, les représentations qu'ils ont construit sur le concept d'adoption et saisir l'impact que la signification attribuée par les grands-parents à l'adoption a sur leur rapport de grands-parents envers leurs petits-enfants.

Ont participé à cette étude 61 grands-parents, d'âge moyen de 69 ans ( $M=69.21$  ;  $DP=6.76$ ), dont 63.9% sont des grands-mères et 36.1% sont grands-pères. En ce qui concerne la lignée, 44.3% des grands-parents sont de lignée maternelle et 55.7% de lignée paternelle. Les petits-enfants adoptés ont en moyenne 8 ans ( $M=8.57$  ;  $DP=3.31$ ) et ils ont été adoptés en moyenne il y a 5 ans ( $M=5.33$  ;  $DP=3.08$ ).

Les grands-parents participants ont été interviewés par le biais de l'Interview aux Grands-parents sur le Processus d'Adoption (Barbosa-Ducharme, Monteiro & Barroso, 2011), laquelle porte sur plusieurs thématiques, entre autres, les représentations des grands-parents sur l'adoption, la façon dont ils ont vécu le processus d'adoption de leur petit-fils ou de leur petite-fille et sur la nature de leur rapport avec le petit-fils adopté ou la petite-fille adoptée.

Du point de vue des grands-parents, le rapport entre grands-parents et petits-enfants adoptés se caractérise de façon très positive, en particulier en ce qui concerne la dimension affective du rapport. Les facteurs qui se sont révélés comme introduisant de la variabilité dans ce rapport sont : la lignée et les années d'études des grands-parents, le sexe du petit-fils ou de la petite-fille, le nombre total de petits-enfants que le grand-père ou la grand-mère a et la position d'ordre occupée par le petit-fils ou la petite fille. En comparant le rapport entre grands-parents et petits-enfants adoptés avec le rapport entre grands-parents et petits-enfants de familles conventionnelles, on vérifie que lorsque le lien est adoptif, le rapport est décrit avec des valeurs moyennes supérieures en toutes les dimensions et dans les deux niveaux d'âge considérés, à savoir l'âge scolaire et l'adolescence. Cette étude met aussi en évidence que le vécu du processus d'adoption par les grands-parents est très positif, et que c'est surtout l'expérience de l'adoption en famille qui détermine la construction du concept d'adoption, davantage que l'information véhiculée par d'autres *media*. Par ailleurs, on vérifie que la signification attribuée par les grands-parents à l'adoption est associée de façon différentielle aux dimensions du rapport entre grands-parents et petits-enfants adoptés.

Ces résultats inspirent non seulement d'autres questions d'investigation à poursuivre mais surtout constituent une base de réflexions importantes sur la pertinence d'engager les grands-parents tout au long de la construction d'un projet d'adoption, lequel se prétend être la construction d'une famille, par l'adoption.

## **Índice**

<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>	
 <b>Capítulo I – Enquadramento Teórico</b>		
1. Relações intergeracionais entre avós e netos .....	3	
1.1 Fatores que determinam a variabilidade da relação avós-netos .....	9	
2. Relação avós-netos adotados.....	14	
3. Significado social da adoção .....	17	
4. Síntese .....	19	
 <b>Capítulo II – Método</b>		
1. Objetivos de investigação .....	21	
2. Participantes .....	22	
3. Instrumento .....	23	
4. Procedimento.....	25	
 <b>Capítulo III – Resultados</b>		
1. Relação avós-netos adotados.....	26	
1.1 Confronto da relação avós-netos adotados com a relação avós-netos biológicos.....	29	
2. Vivências dos avós relativas ao processo de adoção.....	32	
3. Representações dos avós em relação à adoção e à criança adotada .....	33	
4. Impacto das variáveis relativas à adoção na relação avós-netos adotados .....	36	
 <b>Capítulo IV – Discussão de resultados .....</b>		<b>40</b>
 <b>Capítulo V - Conclusões.....</b>		<b>49</b>
 <b>Referências bibliográficas.....</b>		<b>53</b>

## Índice de Quadros

<b>Quadro 1.</b> <i>Valores de alpha de Cronbach para as diferentes dimensões e total da escala.....</i>	24
<b>Quadro 2.</b> <i>Medidas descritivas das dimensões da relação avós-netos (N=61).....</i>	26
<b>Quadro 3.</b> <i>Matriz de correlações entre as dimensões da relação avós-netos (N=61).....</i>	27
<b>Quadro 4.</b> <i>Medidas descritivas das dimensões da relação avós-netos (N=61) de acordo com as faixas etárias do neto adotado.....</i>	29
<b>Quadro 5.</b> <i>Medidas descritivas da relação avós-netos adotados e da relação avós-netos biológicos (Queirós, 2005) em <u>idade escolar</u> e magnitude das diferenças de médias entre cada estudo.....</i>	30
<b>Quadro 6.</b> <i>Medidas descritivas da relação avós-netos adotados e da relação avós-netos biológicos (Domingos, 2008) na <u>adolescência</u> e magnitude das diferenças de médias entre cada estudo.....</i>	31

## Índice de Gráficos

<b>Gráfico 1.</b> <i>Médias de caracterização dos netos adotados e das crianças adotadas em geral.....</i>	36
--	----

## **Lista de Abreviaturas**

**EAPA** – Entrevista a Avós sobre o Processo de Adoção

**EPA** – Entrevista sobre o Processo de Adoção

**GESI-A** – Guião de Entrevista de Solidariedade Intergeracional: versão avós

**GESI-N** – Guião de Entrevista de Solidariedade Intergeracional: versão netos

**IPA** – Investigação sobre o Processo de Adoção: perspetiva de pais e filhos

**PASW** – Predictive Analytics Software

**TSFI** – Teoria de solidariedade familiar intergeracional



## INTRODUÇÃO

---

Neste início do século XXI pode verificar-se que os avós são muito mais numerosos comparativamente com o número de crianças existentes na sociedade, devendo-se este fenómeno à diminuição da taxa de natalidade (Ferland, 2006; Putney & Bengtson, 2003; Uhlenberg & Kirby, 1998), da taxa de mortalidade e consequente aumento da esperança média de vida. O envelhecimento da população está a ocorrer a uma escala mundial (Correia, 2007; Putney & Bengtson, 2003), sendo que pela primeira vez, em Portugal, a população idosa é mais numerosa do que a população jovem (Stella, 2004).

Vive-se, portanto, num cenário de alterações demográficas em que as relações intergeracionais assumem uma importância jamais reconhecida. A acrescer a isso, há um incremento da diversidade dos tipos de família (Bengtson, Rosenthal & Burton, 1990 *cit in* Bernal & Anuncibay, 2008). Isto é, o conceito de família tem vindo a alargar-se referindo-se agora a realidades diferentes e integrando, para além das famílias convencionais, famílias fruto de recasamento, famílias em sistema de mono e biparentalidade, famílias adotivas, entre outras.

A investigação dedica-se cada vez mais ao estudo das relações familiares além da família nuclear (Bales, 2002; Bernal & Anuncibay, 2008) e, no que respeita aos avós, a evidência mostra que estes desejam criar uma relação calorosa e em harmonia com as outras gerações (Ferland, 2006), tendo um importante papel no desenvolvimento afetivo dos netos e constituindo uma fonte de felicidade e segurança. Este convívio intergeracional é algo benéfico que pode ser estimulado com a perspetiva de enriquecimento mútuo, através da troca de afetos e conhecimentos e de abertura para o diálogo entre gerações.

No contexto de uma família adotiva, os avós são fundamentais para que a criança se sinta parte da família (Pitcher, 2009), tendo em conta que são eles com o seu papel de historiadores familiares que por excelência falam aos seus netos acerca das raízes familiares, representam a linhagem familiar e fornecem os laços de filiação (Ferland, 2006). No entanto, uma vez que a adoção implica a ausência de laços genéticos, a relação entre avós e netos não surge espontaneamente como no seio de uma família convencional. Exige-se portanto aos avós de crianças adotadas um desafio acrescido de, neste encontro de caminhos e trajetórias diferentes, se construir uma relação com características e significados particulares.

Assim, este estudo, que se insere no âmbito do projeto de *Investigação sobre o Processo de Adoção: perspetiva de pais e filhos - IPA* (Barbosa-Ducharne & colaboradores IPA, 2011), alarga o olhar acerca da adoção a um microssistema de relevo, designadamente a relação entre avós e netos adotados. Neste âmbito são exploradas não apenas as

características da relação avós-netos adotados, mas é também avaliado o modo como os avós vivenciam o processo de adoção na família e as suas representações relativas à adoção. Para isso, foi construída a Entrevista a Avós sobre o Processo de Adoção (Barbosa-Ducharne, Monteiro & Barroso, 2011) cuja aplicação oferece dados para explorar esta mesma relação a partir da teoria de solidariedade familiar intergeracional que é aquela que, na literatura e investigação empírica, é tida como a mais fidedigna para avaliar as relações intergeracionais (Bales, 2002; Queirós, 2005; Silverstein, Giarusso & Bengtson, 1998). Uma vez que, em contexto nacional, o mesmo modelo teórico foi usado para caracterizar a relação avós-netos biológicos em crianças de idade escolar (Queirós, 2005) e adolescentes (Domingos, 2008), neste estudo procede-se ao confronto entre as relações biológicas e adotivas entre avós e netos. Além disso, pesquisa-se o impacto do significado que os avós atribuem ao processo de adoção na relação estabelecida com o neto adotado. Paralelamente, numa outra dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia (Barroso, 2011) são aprofundados dados relativos ao envolvimento dos avós no processo de adoção encarado como um processo intergeracional no qual estão implicadas três gerações: Avós – Pais – Filhos.

É verdade que o interesse acerca desta relação entre avós e netos (mesmo biológicos) é muito recente e é curioso destacar que a literatura internacional e nacional não tem despertado para a importância das relações intergeracionais no caso da presença de um elemento adotado na família. Desta forma, este estudo exploratório constitui uma aventura audaciosa e ímpar de explorar a relação avós-netos adotados no contexto português.

Esta dissertação divide-se, assim, em cinco capítulos essenciais:

O capítulo I refere-se à importância das relações intergeracionais e ao enquadramento da relação avós-netos no âmbito das mesmas, identificando-se os fatores que na literatura são indicados como determinantes de variabilidade na relação. São ainda sistematizados os principais dados da investigação acerca da relação avós-netos adotados, terminando com uma revisão do significado social da adoção. O capítulo II diz respeito aos aspetos metodológicos da investigação, a saber objetivos de investigação, participantes, instrumento e procedimento. O capítulo III apresenta os resultados deste estudo e o capítulo IV procede à discussão desses mesmos resultados. No capítulo V apresentam-se as principais conclusões deste estudo, reflete-se sobre as principais limitações do mesmo; são sugeridas pistas para alargar e aprofundar o conhecimento no âmbito da relação avós-netos adotados e são retiradas algumas implicações para a prática profissional.

# **CAPÍTULO I**

## **Enquadramento Teórico**

---

## 1. Relações intergeracionais entre avós e netos

As relações intergeracionais referem-se às relações que ocorrem no seio da família entre as várias gerações que a compõem, sendo que, no caso das relações avós-netos, estas assumem atualmente um outro interesse visto que os avós de hoje são muito diferentes dos de antigamente, sendo mais jovens e participativos, mais disponíveis e acessíveis aos seus netos (Oliveira, Gomes, Tavares & Cárdenas, 2009) e, por isso, menos conotados com a velhice (Correia, 2007).

No caso do nascimento do primeiro neto na linhagem familiar ocorrem algumas mudanças em “dominó”: os membros de uma geração tornam-se pais e os da outra geração tornam-se avós (Hagestad & Burton, 1986). Cria-se assim um triângulo de relações intergeracionais em que as relações avós-netos assumem apenas uma parte das mesmas, o que ilustra claramente a importância de ter em conta a rede de laços familiares que envolve todo o percurso de vida dos indivíduos (Ranst, Verschueren & Marcoen, 1995). Tem que reconhecer-se que esses percursos de vida da família são interdependentes (Hagestad & Burton, 1986) e que as relações são bidirecionais ocorrendo trocas e influências mútuas entre os diferentes intervenientes.

Neste caso específico da grã-parentalidade, esta é vista pelos avós como uma oportunidade para estabelecer e desenvolver um conjunto de relações satisfatórias, para explorar novos papéis e aprender mais sobre si próprios e sobre aqueles que são emocionalmente mais próximos. Ou seja, o tornar-se avô<sup>1</sup> requer novas adaptações e mudanças na definição de si mesmo (Pinazo, 1999). O papel de avós é para a maioria deles um meio privilegiado de satisfação interpessoal e afeto, decorrendo num forte sentido de realização e compromisso (Fung, Siu, Choy & McBrideChang, 2005). Bernal e Anuncibay (2008) acrescentam ainda que, quando os avós se identificam com o seu papel, desenvolvem um sentido crescente de bem-estar e de moral em momentos de perda pessoal, social e material. Isto pode sugerir que os avós que se envolvem e se identificam com o papel de avós têm menos probabilidade de ficarem doentes física, mental e emocionalmente.

É sabido que as figuras grã-parentais desenvolvem pelos netos um amor incondicional, fazendo com que estes desenvolvam a sua autoestima e cresçam íntegros e

---

<sup>1</sup> Ao longo deste trabalho é usado o termo genérico *avô* para fazer referência às figuras grã-parentais de ambos os sexos na medida em que tal permite simplificar a leitura.

com orgulho em si próprios (Ferland, 2006). Contribuem ainda para o desenvolvimento do neto, socializando com ele, dando apoio financeiro e emocional, transmitindo a história da família, valores e tradições. Os avós são, pois, a ponte de ligação entre o passado e o futuro, dando um sentimento de segurança e oferecendo uma visão positiva do futuro (Bernal & Anuncibay, 2008).

A investigação envolvendo as relações intergeracionais demonstra que os avós geralmente têm múltiplas influências no seu neto (Creasey & Koblewski, 1991). Esta influência faz-se diretamente quando os avós assumem o papel de companheiros de jogo, de confidentes, de suporte emocional e estimulação cognitiva, de substituição dos pais nos cuidados primários e de veículos de transmissão da história da família e, indiretamente, quando os avós constituem recursos materiais, sociais e afetivos para os pais (Barbosa & Queirós, 2004).

Segundo Pereira (2010), a relação avós-netos é configurada num contexto de bem-estar capaz de compelir nestes atores uma avaliação positiva do seu papel. Aliás, os avós veem os netos como uma fonte de renovação de si mesmos e da família, sendo que o vínculo estabelecido com os netos é tão particular que os avós tendem até a idealizá-los (Dias, Hora & Aguiar, 2010).

Apesar desta definição precisa do papel de avô que até aqui vem a ser defendida, outros autores acentuam a indefinição dos diversos papéis que a figura grã-parental desempenha (Bengtson, 1985), bem como um estatuto social muito pouco claro, tornando a grã-parentalidade numa experiência heterogénea (Mason, May & Clarke, 2007). Os contornos do papel de avô variam, sendo a relação avós-netos descrita em muitas investigações como uma relação única, com qualidades singulares não verificáveis em nenhuma outra (Ferland, 2006) e como extremamente benéfica para os seus intervenientes (Valeda, Neves, Baisch, Vaz, Santos & Soares, 2006 *cit in* Pastor, 2009).

O papel dos avós não é estático, vai-se modificando e adaptando às novas situações familiares, às características do neto e às idiossincrasias da própria relação (Pereira, 2010). De qualquer forma, é inquestionável que a grã-parentalidade constitui um fenómeno preponderante do ciclo de vida familiar e pessoal (Swartz, 2009) e que representa cada vez mais uma experiência normativa (Smith, 1995 *cit in* Pereira, 2010). Tendo em conta que há múltiplas formas de ser avô (Ferland, 2006), Osuna (2006) afirma que o papel de avô é muitas vezes considerado um “papel sem papel”, pois não tem instituídos os seus direitos e obrigações à semelhança do que ocorre com o papel de pai e de mãe. Este autor reconhece que na sociedade contemporânea o papel de avô é multidimensional e, por isso, delimita os

componentes do conceito de avô, estabelecendo quatro níveis: a) o nível atitudinal que corresponde a normas e obrigações dos avós; b) o nível comportamental que se refere às atividades que os avós realizam com e para os seus netos; c) o nível emocional ou afetivo que está relacionado com a satisfação com o papel e sobressai porque os avós não têm o mesmo nível de responsabilidades com o seu neto comparativamente com o que tiveram com os seus filhos; d) o nível simbólico que se refere aos diferentes significados da grã-parentalidade para os avós.

Com efeito, os estudos mais recentes mostram que, mais do que categorizar ou rotular os estilos de ser avô como defendiam alguns autores em estudos anteriores (*e.g.* Cherlin & Furstenberg, 1986; Neugarten & Weinstein, 1964), importa considerar o papel de avô num todo que o caracterize de acordo com as diferentes dimensões que o compõem. Tal deixa margem para que nesta relação avós-netos, ao contrário de uma abordagem tipológica, sejam tidos em conta os diferentes fatores contextuais que a condicionam e a implicação dos seus diferentes intervenientes, designadamente o facto de não só os avós “educarem” os netos como também estes “reeducarem” os próprios avós (Oliveira, 2003).

Isto é, os **netos** também trazem benefícios aos avós (Kivnick, 1983), proporcionando estímulo físico e intelectual através das brincadeiras e desafios constantes, sendo que, na perspetiva de Ferland (2006), os mais velhos que contactam com as gerações mais novas são mais saudáveis. Além disso, os netos são uma grande fonte de amor para os avós, proporcionando um sentimento de continuidade e de perpetuação da família (Ferland, 2006). Segundo Pereira (2010, p.8) “o neto tem o poder de reavivar nos avós desejos e aspirações pessoais, algumas das quais não operacionalizadas com os filhos, agora possível com os netos, desejavelmente na ausência do ónus de responsabilidades parentais diretas”.

Os netos têm avós pelo menos as duas ou três primeiras décadas da sua vida. Por isso, ser avô é importante não só do ponto de vista pessoal como também pela importância que assume para os outros (Barbosa & Queirós, 2004). Assim, segundo Ranst et al. (1995), os netos adolescentes geralmente percebem os avós como importantes nas suas vidas e sentem-se próximos deles, sendo que a dimensão que tem mais impacto na importância global dos avós e na proximidade percebida é o suporte emocional dado pelos mesmos. Eles são valorizados principalmente porque são fonte de afeto, garantia de valor e representam uma aliança confiável. Por outro lado, Creasey e Koblewski (1991) afirmam que os avós não são vistos como os mais íntimos nem como os portadores de apoio instrumental, são mais caracterizados pelos adolescentes como sendo fonte de amor mútuo e respeito.

A acrescentar ao que os avós e netos vivem na sua relação, também os **pais** – a geração intermédia - são figuras a ter em conta. Esta relação avós-netos é um recurso para todo o sistema familiar (Barranti, 1985), assumindo os pais uma importância inegável uma vez que favorecem ou inibem as trocas entre as gerações dos avós e dos netos e possuem poder nos processos de trocas e apoios sociais (Dias & Silva, 2003). Sublinhe-se, no entanto, que os avós e netos valorizam mais a relação estabelecida entre ambos do que propriamente os pais quando questionados acerca do valor que atribuem a esta relação (Lussier, Deater-Deckard, Kunn & Davies, 2002).

Dias e Silva (2003) obtiveram dados dos adolescentes acerca da sua perceção sobre a diferença entre avós e pais. Eles afirmam que há diferenças de cultura, valores e modo de pensar. Dizem que os pais são mais abertos enquanto que os avós dão mais mimos, têm menos responsabilidades e são mais calmos e experientes que os pais. Embora os avós sejam importantes, referem que os pais estão em primeiro lugar.

Porém, Johnson (1988 *cit in* Queirós, 2005) considera que os avós, em certas circunstâncias, exercem um efeito tão ou mais intenso no neto em desenvolvimento do que os próprios pais. Assim, no exercício do seu papel, os avós confrontam-se com um sentimento ambivalente: não interferência e obrigatoriedade (Mason et al., 2007). Estas duas normas são contraditórias e podem eventualmente ser difíceis de conciliar no dia-a-dia da relação avós-netos (Domingos, 2008), na medida em que a primeira se refere a uma não intromissão e a segunda ao “estar lá” para o neto (Mason et al., 2007). Segundo Pereira (2010), os avós sentem-se menos responsáveis pelo cuidado e educação dos netos, sendo mais tolerantes e mais disponíveis para “mimar”, elegendo portanto a norma da não interferência que relega as tarefas de responsabilidade na educação dos netos para os pais.

Assim, o facto da influência dos avós ser bem-sucedida exige que eles conheçam os objetivos parentais, tornando-se os avós como figuras que auxiliam o alcance dessas mesmas metas (Strom & Strom, 2000). É verdade que os avós podem atuar como negociadores nesta relação entre pais e crianças, ajudando-os a compreenderem-se mutuamente, pois os elementos mais velhos são vistos como figuras de estabilidade em momentos de crise (Dias & Silva, 2003). Contudo, não devem interferir nos princípios educativos dos pais e, por isso, o seu papel é difícil e marcado pela incerteza do que é esperado deles próprios (Strom & Strom, 2000).

No decorrer do crescendo de importância destas relações intergeracionais (pais-filhos, avós-netos), veio a perceber-se a existência de uma lacuna teórica neste âmbito (Queirós, 2005). Para colmatar essa falha, a partir do estudo das relações pais-filhos, das



suas mudanças ao longo do tempo e das consequências dessas mudanças para os membros das famílias ao longo das gerações, surge a teoria da solidariedade familiar intergeracional - TSFI (Bengtson & Roberts, 1991; Silverstein et al., 1998).

Essa teoria foi desenvolvida para explorar os comportamentos e sentimentos que unem gerações, nomeadamente pais e filhos (Bales, 2002), permitindo identificar seis componentes da solidariedade intergeracional familiar: a **solidariedade associacional** que se refere às atividades partilhadas e à frequência de contacto; a **solidariedade funcional** que engloba o apoio (financeiro, emocional e instrumental) e a assistência transferida entre gerações; a **solidariedade afetiva** que se refere ao grau de proximidade emocional entre as gerações e aos juízos relativos à qualidade das interações; a **solidariedade consensual** que se refere ao grau de conflito e/ou acordo entre as gerações; a **solidariedade normativa** que se refere às perceções de obrigações e expectativas acerca das relações intergeracionais; a **solidariedade estrutural** que se refere aos fatores que potenciam ou reduzem a oportunidade de interação social entre gerações (Silverstein et al., 1998).

Mais recentemente os investigadores defendem que o modelo também pode ser aplicável aos vínculos avós-netos (Silverstein et al., 1998), por isso, foram revistas as componentes de solidariedade, considerando-se que apenas quatro são necessárias e viáveis: solidariedade estrutural, associacional, funcional e afetiva (Bales, 2002). Contudo, Domingos (2008) afirma que constituiria uma mais-valia para o seu estudo de díades de avós e netos adolescentes, a consideração da solidariedade consensual além das quatro dimensões citadas.

Este modelo, testado empiricamente para as relações da díade avós-netos, permite um olhar extenso e sistemático da relação, não se focando apenas na frequência de contacto mas também nas estruturas, nos graus de interação, funcionamento e nos sentimentos que ligam as gerações (Bales, 2002). Todavia, segundo Bengtson e colaboradores (1996 *cit in* Hammarström, 2003), o constructo de solidariedade intergeracional dirige-se sobretudo às dimensões positivas das relações intergeracionais e sem conflito entre pais e filhos ou avós e netos, não sendo aplicável a famílias em crise ou com gerações mais velhas a necessitar de cuidados.

A TSFI já foi utilizada, em contexto português, como grelha de análise em estudos de relação avós-netos de idade escolar (Queirós, 2005) e netos adolescentes (Domingos, 2008). Em ambos os estudos foi dada voz aos dois intervenientes na relação – os avós e os netos –, o que enriquece claramente a caracterização da mesma.

Queirós (2005) desenvolveu um estudo pioneiro em Portugal, na medida em que pela primeira vez a relação avós-netos foi caracterizada enquanto díade familiar. Nesta investigação, a perspetiva de avós e netos em idade escolar foi analisada à luz da TSFI, sendo que a investigadora explorou ainda a associação entre a natureza da relação avós-netos e a perceção de self destes últimos. Este estudo envolveu uma amostra de 20 crianças com uma média de 8 anos de idade e os seus respetivos 69 avós com uma média de 64 anos de idade. Os resultados deste estudo apontam para a concordância entre as díades nas diferentes dimensões contidas no modelo conceptual do estudo, sendo que as díades avós-netos de sexo feminino e de linhagem materna evidenciaram maior intensidade na relação. Por outro lado, este estudo demonstrou uma associação positiva entre a autovalorização global dos netos e a dimensão afetiva da relação.

Acresce ainda que a autora caracteriza o instrumento utilizado, o GESI-A (Guião de Entrevista de Solidariedade Intergeracional: versão avós), como promissor e, por isso, capaz de colmatar uma lacuna na investigação dentro deste tema, apontando ainda para a necessidade do estudo da relação avós-netos com amostras diferenciadas.

Domingos (2008) realizou um estudo dedicado a caracterizar a relação avós-netos adolescentes de acordo com a TSFI e a identificar as diferenças e semelhanças entre as relações avós-netos adolescentes e avós-netos crianças. Para isso, participaram no estudo 21 adolescentes e 41 avós. Este estudo demonstra que avós e netos manifestam satisfação com a sua relação no que diz respeito às oportunidades estruturais para a interação e às trocas de afeto e de sentimentos positivos. Por outro lado, as dimensões associacional e funcional são pouco caracterizadoras da relação sugerindo que avós e netos partilham poucas atividades juntos e trocam pouco apoio instrumental e emocional. Verificou-se que as netas têm um maior envolvimento na relação e maior afetividade e que os avós de linhagem materna demonstram superioridade na dimensão associacional. Além disso, a idade dos avós afeta a quantidade de atividades que estes partilham com os netos enquanto que o sexo do avô não provoca qualquer efeito. Do estudo comparativo com os resultados de Queirós (2005), destaca-se que a relação avós-netos adolescentes, na perspetiva dos netos, tem um cariz mais afetivo do que a relação avós-netos de idade escolar.

Depreende-se que, tendo em conta a inevitável ligação e interdependência entre os diferentes membros da família, as relações intergeracionais assumem um particular relevo nas vidas de todos e, consequentemente, na saliência que assume na produção científica. Nesta teia de inter-relações familiares, a TSFI consiste numa forma de simplificar e

clarificar as mesmas, proporcionando um olhar abrangente que permite caracterizar as ligações entre os membros de diferentes gerações.

### **1.1 Fatores que determinam a variabilidade da relação avós-netos**

Na literatura acerca da grã-parentalidade são apontados vários fatores que condicionam a relação avós-netos e que podem categorizar-se como sendo de carácter intra-indivíduo, contextual, processual e cultural. Esta leitura apenas é possível quando está subjacente uma visão alargada das relações humanas e, consequentemente, do desenvolvimento humano. Desta forma, propõe-se aqui estruturar esses mesmos fatores de acordo com o Modelo Bioecológico (Bronfenbrenner & Morris, 1998) que define o desenvolvimento humano como ocorrendo através de processos de interação, progressivamente mais complexos, entre a pessoa e o seu meio ambiente, oferecendo uma visão ampla acerca das interações e relações entre o indivíduo e tudo o que o envolve. Este modelo nomeia quatro elementos principais dos quais resulta o desenvolvimento: *pessoa, processo, contexto, tempo*.

A *pessoa* é tida com o seu conjunto de características biopsicológicas (biológicas, cognitivas, emocionais e do comportamento) (Bronfenbrenner & Morris, 1998). O *contexto*, onde decorre o desenvolvimento, é constituído por quatro estruturas concêntricas: o microssistema que se refere a um complexo de atividades, papéis e relações existentes entre o sujeito e o seu ambiente, experienciados ou vivenciados num contexto imediato; o mesossistema que diz respeito às inter-relações entre os contextos em que o indivíduo participa ativamente e pode ser visto como um sistema de microssistemas; o exossistema refere-se a um ou mais contextos que não implicam a participação ativa do sujeito, mas onde ocorrem situações que afetam ou são afetadas pelo que ocorre no contexto imediato em que o sujeito se movimenta (por exemplo, ambiente de trabalho dos pais); o macrossistema que engloba o sistema de valores e crenças que caracterizam as diversas culturas (Bronfenbrenner, 1979). O *tempo* é conceptualizado como envolvendo múltiplas dimensões da temporalidade constituindo o cronossistema que modera as mudanças ao longo da vida. O *processo* engloba formas particulares de interação entre o organismo e o meio que atuam ao longo do tempo constituindo o principal mecanismo de produção do desenvolvimento (Bronfenbrenner & Morris, 1998)

Aplicando este modelo à relação avós-netos, existem aspetos referentes à *pessoa* da figura grã-parental que mostram ter impacto na mesma, nomeadamente idade, estado de saúde, linhagem, sexo e estado civil.

A **idade dos avós** aquando do nascimento da criança influencia o tipo de relação na medida em que avós de 50 anos têm mais energia do que os de 80 e, por isso, as atividades propostas são diferentes (Ferland, 2006). Por outro lado, experiências de diferentes coortes levam a diferentes experiências no papel de avô (Bengtson, 1985), isto é, as coortes mais velhas de avós têm uma visão mais tradicional da grã-parentalidade, sendo que os avós da atualidade sentem que o seu papel é muito diferente do dos seus próprios avós. Eles descrevem os seus próprios avós como respeitáveis, mas mais distantes emocionalmente (King, Russell & Elder, 1998; Oliveira et al., 2009). No estudo de Bales (2002), o mais importante para os netos é a idade do avô: quanto mais velho o avô for, mais fraco é o vínculo com o neto. Da mesma forma, Triadó, Martinez e Villar (2000) defendem que quanto mais velhos os avós forem, menos os netos adolescentes os veem como símbolos da família e mediadores de conflitos e, no estudo de Pereira (2010), os avós mais novos são mais envolvidos na relação, estabelecendo contactos mais frequentes com os netos.

O **estado de saúde do avô** tem uma implicação direta no facto de os avós conseguirem desempenhar o seu papel de uma forma mais ativa ou mais passiva. Quanto mais ativo for o avô no desempenho do seu papel, maior é a probabilidade de aumentar os contactos com o neto e suscitar neste um maior interesse pelos avós (Ferland, 2006).

A **linhagem** é o fator que, segundo Triadó et al. (2000), marca maiores diferenças entre os avós, sendo que os paternos são apontados como mais distantes. Bernal e Anuncibay (2008) defendem que os avós maternos são os mais próximos dos netos. Aliás, as famílias tendem a estar mais próximas do lado materno em detrimento do lado paterno, por isso, os avós maternos tendem a passar mais tempo com os seus netos. Para que a linhagem paterna esteja mais próxima dos seus netos deve desenvolver laços mais fortes com a família, aproximando-se assim da relação que os avós maternos mantêm (Viguer, Meléndez, Valencia, Cantero & Navarro, 2010).

O **sexo do avô** também marca diferenças na forma como o avô age com o neto e o tipo de atividades que realiza. Westheimer (2000 *cit in* Ferland, 2006) compara a avó ao Ministro da Administração Interna, por se centrar no lado afetivo, nas relações entre os membros da família, enquanto o avô desempenharia o cargo de Ministro dos Negócios Estrangeiros responsável pelas relações da família com o meio exterior.

Há estudos que indicam que o avô é menos envolvido e expressivo na relação com os netos (*cf.* Spitze & Ward, 1998), é mais distante e dá mais conselhos ao neto (Ferland, 2006; Triadó et al., 2000) sobre escola, vida profissional e finanças (Ferland, 2006). Por seu lado, a avó dedica-se a assuntos de discussão variados, incluindo relações interpessoais

como laços de amizade, mantém relações familiares tendencialmente mais íntimas e calorosas (Bernal & Anuncibay, 2008; Ferland, 2006; Triadó et al., 2000), atua algumas vezes como mãe substituta (Bernal & Anuncibay, 2008; Triadó et al., 2000) e assume na relação uma componente emocional mais próxima e de suporte afetivo (Triadó, Villar, Solé, Osuna & Pinazo, 2005). Além disso, os netos são mais próximos das avós do que dos avôs (Bales, 2002), sublinhando o carácter essencialmente emocional e expressivo da relação (Stella, 2004).

O tipo de atividades que avôs e avós desenvolvem com as crianças também são diferentes, sendo que os avôs participam em atividades mais instrumentais e as avós em atividades mais expressivas. A acrescer a isso as avós dão mais suporte emocional aos pais, dão mais conselhos e modelam a forma como se deve tratar a criança enquanto os avôs dão mais apoio financeiro (Spitze & Ward, 1998).

No entanto, há autores que contrapõem, sobrepondo o carácter genérico da relação de grã-parentalidade às diferenças associadas ao sexo. Almeida (2008) defende, no seu estudo com avós de netos adolescentes, que os avós, apesar do seu sexo, obtêm diversos significados positivos da grã-parentalidade e envolvem-se de igual modo na relação com os seus netos. No mesmo sentido, outros autores dizem que não há diferenças de acordo com o sexo na “centralidade” da grã-parentalidade (Thomas, 1995 *cit in* Spitze & Ward, 1998).

Considerando simultaneamente a **linhagem** e o **sexo da figura grã-parental**, Stella (2004) aponta relações do tipo mais expressivo nas avós e, de entre estas, nas de linhagem materna. As relações mais formais, mais distantes e de tipo mais instrumental são mais frequentes com os avós paternos e de entre estes com os do sexo masculino. Por outro lado, a avó materna é vista como a figura preferida (Bernal & Anuncibay, 2008; Domingos, 2008; Pereira, 2010; Queirós, 2005; Triadó et al., 2000; Viguer et al., 2010). Aliás, alguns estudos reportam mais contacto com as avós maternas em particular (*cf.* Spitze & Ward, 1998) provavelmente devido à longevidade feminina, ao facto de serem em média mais novas e de geralmente as mães preferirem que as suas próprias mães cuidem dos seus filhos (Taylor, Robila & Lee, 2005).

O **estado civil dos avós** é um outro fator que influencia a relação avós-netos na medida em que os avós casados aumentam significativamente as atividades de dar conselhos, transmitir informações sobre a família e telefonar, mas diminuem as suas visitas (Araújo & Dias, 2002).

Por sua vez, alguns aspetos referentes à *pessoa*, mas agora relativos ao neto também influenciam o desenvolvimento da relação, designadamente a idade e o sexo.

A relação dos avós com os netos evolui de acordo com as diferentes **idades do neto** desde a infância até à idade adulta, devendo-se esta mudança em parte à presença ou ausência dos pais como mediadores. Na idade pré-escolar, a relação pauta-se pela manifestação de ternura e afeto (Ferland, 2006), sendo que os avós espontaneamente organizam jogos, desenham, ensinam canções, contam histórias, etc. Na idade escolar, o acesso aos avós é mediado pelos pais (Bernal & Anuncibay, 2008), sendo que o neto gosta de contar coisas sobre si e ser ouvido atentamente, surgindo um interesse grande pelo mundo dos adultos e pela tecnologia (Ferland, 2006). O estudo de Queirós (2005) mostra também que nesta idade tanto os avós como os netos mostram ter uma forte proximidade emocional, sendo essa a principal dimensão caracterizadora da relação.

Na adolescência, os netos dedicam prioritariamente o tempo aos amigos em detrimento dos familiares e, em particular, dos avós. No entanto, pode também acontecer o facto de os avós se tornarem interlocutores experientes e confidentes nos quais os netos estão seguros da sua disponibilidade para os ouvir sem julgar e com um interesse genuíno (Ferland, 2006). O adolescente vai querer partilhar as suas primeiras emoções sentimentais, os fracassos nas relações, fazer uma pergunta ou pedir um conselho (Bernal & Anuncibay, 2008). Nesta fase, a relação entre o neto e os seus avós torna-se cada vez mais direta e de carácter mais voluntário da parte dos netos (Triadó, Villar, Solé, Osuna & Celdrán, 2006), pois não necessita da presença dos pais para que se mantenha (Ferland, 2006). Desta forma, Domingos (2008) defende que nesta fase desenvolvimental os avós e netos valorizam sobretudo a dimensão afetiva da relação em detrimento do número de atividades partilhadas entre eles e do apoio entre as gerações.

Na idade adulta do neto, as relações tendem a ser mais duradouras, satisfatórias e voluntárias com os avós (Bernal & Anuncibay, 2008). Os netos adquirem então mais autonomia e responsabilidade (Dias & Silva, 2003), sendo que as iniciativas de contacto não partem nem dos pais nem dos avós, mas sim dos netos (Geurts, Poortman, Tilburg & Dykstra, 2009). Além disso, enquanto que até esta fase da vida os avós davam apoio aos netos, agora os avós é que precisam de apoio (Hoff, 2007) e os netos estão prontos a ajudar espontaneamente (Bernal & Anuncibay, 2008).

O estudo acerca do **sexo do neto** mostra que as netas mais provavelmente desenvolvem um vínculo forte com os avós (Bales, 2002), sendo que Domingos (2008) refere que as netas mostram ser mais próximas emocionalmente dos avós do que os netos. Da mesma forma, outros estudos sugerem que há um maior envolvimento das netas adolescentes com os avós (Dias, Dias & Silva, 1999 *cit in* Cunha & Matos, 2010; Triadó et

al., 2000). Em contraste, segundo Ranst et al. (1995) e Queirós (2005), não há diferenças na relação entre netos e netas com os seus avós.

A nível *contextual*, pode referir-se que a distância geográfica entre avós e netos é um fator mesossistémico, que é determinante na relação visto que faz a ponte entre contextos, neste caso, a casa do neto e a casa do avô.

Verifica-se que a **distância geográfica** pode favorecer contactos frequentes e melhor conhecimento da criança ou pode levar a que a relação fique esbatida e os contactos com a criança menos frequentes (Ferland, 2006). Por seu turno, Aldous (1995) e Bales (2002) afirmam que o mais importante fator da qualidade da relação, na perspetiva dos avós, é efetivamente a distância geográfica: quanto mais perto os avós viverem dos netos, mais provavelmente eles constroem vínculos fortes na relação com o neto. Segundo Taylor et al. (2005), aqueles netos que fisicamente residem na casa dos avós por um período de tempo demonstram uma maior satisfação com as relações intergeracionais e demonstram perceções mais positivas do seu avô como cuidador, mentor e figura de influência na sua vida. Nesta sequência, para Krasnova (2002), a coresidência com as gerações mais velhas aumenta o número de atividades partilhadas.

Assim, a este fator *contextual*, está intimamente relacionado um fator de ordem *processual*, designadamente a **frequência de contacto**. A quantidade de vezes que a figura grã-parental está com o neto é um importante fator diretamente envolvido em produzir uma maior satisfação com a relação e efeitos positivos na mesma (Oliveira et al., 2009; Viguer et al., 2010). De acordo com Fingerman (1998), os netos que os avós veem mais frequentemente tendem a assumir mais importância emocional para os avós. A acrescentar a isso Viguer et al. (2010), defendem que os netos preferem avós com os quais mantêm proximidade geográfica e têm contacto diário.

Estes dados vão de encontro ao Modelo Bioecológico que defende a regularidade da ação para que essa seja eficaz (Bronfenbrenner & Morris, 1998), isto é, no caso da relação avós-netos, parece também que a regularidade do contacto é muito importante para a qualidade da relação.

Ainda a nível *contextual*, verifica-se que o número de netos que os avós têm é um fator exossistémico com influência na relação. É um fator que ultrapassa a participação e influência quer da figura grã-parental quer de cada neto em particular, mas que condiciona a relação entre estes intervenientes. Isto é, o **número de netos** que um avô tem limita a quantidade de atenção dada a cada um, por isso, quantos mais netos um avô tem, menos será capaz de interagir com cada um individualmente (King et al., 1998). Além disso,

Queirós (2005) mostra que os avós que têm entre três a quatro netos dão mais apoio e assistência aos netos comparativamente com os avós que têm cinco ou seis netos.

Para terminar, em toda esta relação há que considerar aspetos de foro macro e cronossistémico, visto que dizem respeito à influência de valores culturais e do tempo, respetivamente. Desta forma, segundo Ferland (2006), de acordo com **diferentes valores culturais** e a **passagem do tempo**, os avós ora são mais distantes ora bastante próximos e até envolvidos na educação do neto. Ainda nessa linha, a relação dos avós com os seus próprios avós é uma fonte de transmissão de valores culturais que também pode ter impacto no estilo de ser avô atualmente (Ferland, 2006).

A grã-parentalidade deve, assim, ser analisada de acordo com o contexto intergeracional, cultural e familiar em que está inserida (King et al., 1998), acrescentando-se que interferem nesta relação fatores de ordem múltipla, desde pessoal a cultural, que apenas podem ser tidos em conta quando a grelha de análise é um modelo que permite um olhar abrangente sobre a relação.

## **2. Relação avós-netos adotados**

No panorama internacional e nacional, a relação avós-netos adotados não tem vindo a ser objeto de muitos estudos, sendo ainda a produção científica muito incipiente. De qualquer forma, podem apontar-se algumas temáticas sobre as quais a investigação tem vindo a focar mais a sua atenção, designadamente as atitudes e reações dos avós face à integração de um elemento adotado na família, as relações emocionais que desenvolvem com os seus netos adotados e a importância do envolvimento dos avós no processo de adoção a partir de três perspetivas (avós, pais e criança adotada).

Ferland (2006) refere que muitos casais recorrem à adoção como forma de satisfazer o seu desejo de paternidade aquando da dificuldade em gerar um filho biológico. “Porém comunicar ao meio familiar e social esse projeto de adoção, para algumas pessoas, é mais fácil do que para outras, dependendo, em parte, do tipo de adoção que se pretende e da abertura a configurações familiares que não as tradicionais. Para os pais e para a criança, a aceitação por parte do meio envolvente é importante, sobretudo no caso de indivíduos que vão ter algum protagonismo na vida quotidiana das crianças adotadas (por exemplo, os futuros avós)” (Palacios, 2010, p. 5).

Contudo, perante este processo de adoção, uns avós reagem de uma forma natural e feliz enquanto outros ficam chocados, surpreendidos, reticentes e reagem com base em



preconceitos. Ou seja, existem casos em que os avós têm “dificuldades em substituir os laços de sangue pelos do coração” (Ferland, 2006, p. 73).

Na mesma linha, Soparkar (1998) explorou as reações das avós face à decisão dos seus filhos em adotar uma criança, o papel das avós, as reações ao processo de adoção e os seus sentimentos face aos netos adotados. Para isso, foram entrevistadas 83 avós de 119 netos adotados, por via telefónica. Deste estudo surgiram aspetos que podem predispor as avós a aprovarem ou não a adoção e aspetos que podem influenciar o grau de satisfação ou insatisfação das avós depois do processo de adoção estar completo. Como resultados fundamentais, este estudo demonstrou que as avós manifestam atitudes positivas perante a adoção, todas as avós aceitam os netos adotados e afirmam gostar deles.

No que se refere à relação que os avós estabelecem com os seus netos adotados, Degani, Lowenstein e Buchbinder (2007) desenvolveram um estudo pela *Faculty of Social Welfare and Health Studies at the University of Haifa*, Israel, com a participação de 50 avós entre os 59 e os 90 anos. Assim, identificaram cinco estádios de desenvolvimento das relações emocionais entre avós e netos adotados. No primeiro estágio, o avô considera o neto adotado como uma solução para a vontade do/a filho/a trazer uma criança ao mundo. No segundo estágio, ainda não há uma ligação emocional forte, por isso, o avô tenta racionalizar a adoção e convencer-se a si próprio de que o seu/sua filho/a se responsabiliza por uma criança que de outra forma estaria sem cuidados parentais. O terceiro estágio marca-se por uma ligação emocional superficial. No quarto estágio, o avô aceita o neto adotado como parte integrante da família multigeracional. No último estágio, os avós veem o neto como um elemento inseparável da família, embora receiem a curiosidade do neto acerca da família biológica e a eventual perda do neto em benefício da mesma.

Constata-se que o conhecimento acerca da relação que é estabelecida entre avós e netos adotados ainda é muito reduzido. No entanto, Pitcher (2009) deu um precioso contributo ao desenvolver um estudo inovador que reúne as perspetivas de avós, pais e netos adotados, para além dos profissionais, acerca da importância do envolvimento das gerações mais velhas no processo de adoção.

No estudo quantitativo foram contemplados profissionais envolvidos no processo de adoção que responderam a um questionário sobre o nível de envolvimento dos avós nesse processo. Verificou-se que os avós geralmente estão próximos dos pais adotivos, sobretudo no caso das avós maternas em que 65% delas são classificadas como próximas ou muito próximas neste processo. No caso dos avós paternos apenas em 34% deles se

verificam estes resultados. No entanto, em 82% das famílias há pelo menos uma figura grã-parental que é considerada como próxima ou muito próxima no processo.

Relativamente aos avós, estes confessam sentir-se entusiasmados pelo primeiro encontro com o neto, sendo que, quando o veem, geralmente se referem ao facto de ser pequeno e vulnerável, orgulhando-se em evidenciar o seu progresso depois de pertencer à família. A literatura sugere ainda que inicialmente a preocupação dos avós não se prende com a criação de uma relação próxima e positiva com a criança, mas sim com as questões do apoio à família. A proximidade da relação avós-netos surge com o passar do tempo, quando os avós sentem que a criança já está familiarizada com as rotinas e dinâmicas familiares e descobrem que ela manifesta semelhanças com a família (por exemplo, características de personalidade). As figuras grã-parentais acreditam que o seu papel perante os netos implica serem divertidos, tratar todos os netos de igual forma, mas não interferir nas conceções educativas parentais. Além disso, sublinhe-se que, neste estudo de Pitcher (2009), os avós afirmam que ao longo do tempo veem a criança como pertencendo cada vez mais à família, dado congruente com os de Degani et al. (2007).

Por seu lado, para os pais adotivos, é importante que os avós aceitem a criança como um verdadeiro membro da família, agradando-lhes perceber que os avós gostam do neto e que reconhecem o seu progresso com a chegada à família. No caso de esses avós terem mais netos, os pais afirmam estar atentos e prontos a comparar a relação estabelecida com uns e outros. Quando as reações dos avós face ao neto adotado são menos positivas, os pais justificam com a distância geográfica entre avós e netos, doença dos avós ou outros aspetos.

Por último, ainda no mesmo estudo, os netos adotados mostram que a presença e envolvimento dos avós claramente contribui para que se sintam integrados na família. Os elementos mais velhos da família são vistos como fonte de diversão, fazendo a ligação com primos e outros familiares. De acordo com esta investigação, é pouco importante para o neto se está com regularidade com o avô ou se partilha poucas atividades conjuntas, pois o que de facto importa é o neto saber que o avô gosta dele, ou seja, o grau de importância que os avós adquirem não é pelo que fazem, mas sim pelo que representam.

Apesar de poder existir alguma desvalorização dos graus de parentesco não consanguíneos na família adotiva, a literatura, ainda que escassa neste âmbito da relação avós-netos adotivos (Palacios, 2009), mostra a importância da presença e do envolvimento dos avós na chegada de uma criança à família adotiva e como estes podem contribuir para o desenvolvimento de um sentimento de pertença à nova família. Por isso, Soparkar (1998)

sugere que as avós devem estar envolvidas no processo de adoção desde cedo, designadamente desde que se planeia a adoção até o momento em que esta é concluída, pois permite atenuar questões e preocupações na relação avós-netos adotados. Da mesma forma, Pitcher (2009) sublinha que em todas as famílias do seu estudo o envolvimento dos avós é valorizado, funcionando estes como figuras cuja aprovação alivia ansiedades sobre a aceitação da criança.

### **3. Significado social da adoção**

Do ponto de vista psicológico, “a adoção surge do cruzamento de vários caminhos, (...) do desejo dos adultos em ter um filho e da disponibilidade de uma criança para ser adotada” (Palacios, Sanchez-Sandoval & Sanchez-Espinoza, 1996, p.9). Por outro lado, do ponto de vista legal, a adoção é um “vínculo que à semelhança da filiação natural, mas independentemente dos laços de sangue, se estabelece legalmente entre duas pessoas” (artigo 1586º do Código Civil, 2010).

Verifica-se então que o conceito tradicional de família nuclear, em que existe um casal heterossexual e os seus filhos biológicos, tem vindo a ser abalado pelo surgimento de novas formas de família (Wegar, 2000). No caso das famílias adotivas, estas são sobretudo semelhantes às famílias não adotivas (as quais designamos de “convencionais”) embora com algumas especificidades que as distinguem. Antes de mais são famílias como qualquer uma outra, com as suas alegrias e inevitáveis tensões, as suas satisfações e frustrações, com estilos educativos que podem ser mais exigentes ou mais permissivos. Da mesma forma, as crianças adotadas podem ter os seus problemas, pois como qualquer outra criança têm as suas preocupações, tensões e alegrias (Palacios, 2010).

No entanto, deve ter-se presente que a adoção tem na base duas grandes perdas que lhe estão inerentes: a impossibilidade de ter um filho biológico por parte dos adotantes e a perda da família biológica por parte da criança adotada (Palacios, 2010). Note-se que a adoção é, na maioria das vezes, uma segunda opção face à parentalidade e note-se que somente existem crianças disponíveis para a adoção, porque existem famílias disfuncionais que por uma multiplicidade de razões não reúnem condições para acolher uma criança. Tal dá origem a que a família adotiva se confronte com a complexificação de algumas das tarefas do ciclo da família, a saber a transição para a parentalidade adotiva, a revelação e comunicação sobre a adoção com a criança, o apoio à criança quando exprime curiosidade acerca da família biológica, o suporte à criança para lidar com a perda inerente à adoção, o

suporte ao desenvolvimento de uma autoimagem e identidade positivas relacionadas com a adoção e, por vezes, o lidar com os planos do filho adotado para procurar a família biológica (Mascarenhas & Alarcão, 2003).

De acordo com o que foi dito anteriormente, a aceitação deste projeto de adoção por parte dos avós é importante, mas nem todos aceitam de forma satisfatória a parentalidade adotiva (Ferland, 2006; Palacios, 2010). Da mesma forma, apesar de pouca atenção vir a ser dada ao papel das atitudes sociais face à adoção e ao seu impacto na família adotiva, na sociedade em geral verifica-se que o significado da adoção é prejudicado pela sobrevalorização da ausência de laços biológicos que leva a que as famílias sejam vistas como anormais e pouco funcionais (Wegar, 2000). Aliás, de acordo com Miall (1987), são as relações de parentesco que definem a forma como os indivíduos se relacionam na sociedade e a forma como eles se devem comportar uns com os outros. Sendo assim, o laço biológico é muitas vezes apresentado como um pré-requisito para amar uma criança e, por isso, a adoção é vista sempre como uma segunda escolha. Esta primazia dos laços de sangue coloca as outras formas de família, designadamente as famílias adotivas, como fora da norma (March, 1995; Wegar, 2000).

Singer, Brodzinsky e Braff (1982) realizaram um estudo em que compararam as representações atribuídas à adoção por crianças adotadas e crianças não adotadas, apontando a existência de tendências desenvolvimentais nessas mesmas crenças. As crianças adotadas uma vez que, desde cedo, são confrontadas com a adoção num ambiente caloroso e de proteção tendem a ter uma perspetiva positiva acerca do tema, mas, à medida que crescem, ficam mais expostas àquilo que a adoção implica e ao feedback negativo da sociedade, passando, por isso, a ter uma visão mais realista e menos positiva. De forma inversa, as crianças não adotadas não estão tão expostas a discussões no seio familiar acerca da adoção, por isso, costumam ter uma perspetiva menos positiva acerca do tema, sendo que quando crescem passam a ver a adoção com mais sensibilidade e naturalidade.

Por outro lado, Miall (1987) considera que sobre a adoção paira um estigma negativo essencialmente devido a três causas fundamentais: o facto dos laços biológicos estarem convencionados como importantes para ser-se capaz de dar amor; o facto do passado genético da criança ser desconhecido e, por último, o facto dos pais adotivos não serem “verdadeiros pais” tendo em conta a ausência de consanguinidade com a criança.

Por seu turno, Wegar (2000) cita vários estudos acerca da temática da adoção, concluindo que as crianças adotadas têm vindo a ser vistas como tendo problemas e sendo mais vulneráveis a sentirem-se diferentes e piores comparativamente com todas as outras;

os pais adotivos consideram que a sociedade não compreende a adoção; as crianças/jovens adotados afirmam que a sociedade diferencia as famílias adotivas das famílias biológicas. Wegar (2000) aborda ainda algumas teorias psicopatológicas acerca da adoção nas quais se destaca um forte estigma negativo justificado pelo facto das crianças adotadas terem uma herança genética fraca, terem características de personalidade que desagradam à sociedade e pelo facto de o tornar-se mãe ser instintivo e, no caso das mães adotivas, tal não acontecer.

Acresce ainda que no estudo de March (1995) cerca de dois terços dos participantes adotados afirmam que as famílias adotivas são geralmente vistas como inferiores perante as famílias biológicas, apesar de eles pessoalmente não sentirem diferenças.

Mais recentemente, Kline, Karel e Chatterjee (2006) reforçam que a ausência de laços genéticos leva a que os pais adotivos não sejam vistos como “verdadeiros pais” e que a família biológica é geralmente vista como insensível por ter desistido de uma criança. Nesta sequência, os mesmos autores citam Kirk (1964) que afirma que os *mass media* têm estimulado a construção dessas crenças estigmatizantes acerca da adoção e dos seus intervenientes. Aliás, segundo Waggenspack (1998), os *mass media* são os principais veículos de informação acerca da adoção. A maioria das pessoas apenas tem acesso a informação acerca da adoção a partir da televisão, jornais e filmes que influenciam a maneira de pensar e ver o mundo. No entanto, estes mesmos meios estimulam o surgimento de mitos acerca da adoção, sendo que muitos deles se devem à sensacionalização de alguns temas como, por exemplo, os riscos de adotar uma criança com herança genética desconhecida, a posterior busca da família biológica e os problemas que os adotados apresentam. Constata-se portanto que a maioria dos casos divulgados pelos *mass media* não dizem respeito a situações típicas do processo de adoção, resultando a informação veiculada de um processo de seleção que não reflete a realidade do mundo social (Waggenspack, 1998), mas que tem impacto no significado que socialmente é atribuído à adoção, à família que adotou, ao filho que foi adotado e aos pais adotantes.

#### **4. Síntese**

A investigação revista evidenciou a posição de relevo que as relações intergeracionais ocupam na atualidade, entre as relações familiares. No caso das relações intergeracionais entre avós-netos, com ligação biológica, estas têm, de facto, vindo a assumir cada vez mais relevo, sendo que os avós cumprem uma função de ligação entre o

passado e o futuro e constituem uma fonte de apoio familiar. Mesmo assim, o papel das figuras grã-parentais é muitas vezes um “papel sem papel”, isto é, sem grande definição, existindo várias formas de ser avô e de vivenciar esse papel. Nesta relação avós-netos, os pais, geração intermédia, são elementos fundamentais na medida em que, apesar de não serem intervenientes diretos, são figuras que a condicionam, ora facilitando ora dificultando os contactos com os avós, pelo menos numa fase em que os netos não podem relacionar-se com eles por iniciativa própria. Este é apenas um dos fatores de uma panóplia de outros fatores que condicionam a relação avós-netos e que a literatura tem vindo a identificar, como a linhagem, o sexo, a idade, o número de netos.

Nas relações avós-netos adotados, à semelhança do que acontece nas famílias convencionais, as figuras grã-parentais distinguem-se por transmitirem às gerações mais novas um forte sentimento de pertença. Nos casos em que o neto não surge de um laço genético, mas sim do cruzamento com uma família adotiva depois de um longo percurso de adversidade precoce, os avós têm muita responsabilidade na integração da criança, sendo que na perspetiva dos elementos adotados, os avós valem sobretudo pelo amor que lhes transmitem. Para os próprios pais, a aceitação do seu filho adotado pelos avós é uma fonte de segurança e apoio.

Acresce ainda que, como em qualquer outro aspeto da realidade, os indivíduos constroem representações e, no que diz respeito à adoção, estas destacam-se pelo seu carácter negativo e de desvio face à norma. Apesar de pouca importância ser dada na literatura sobre adoção, ao papel das atitudes sociais, sublinhe-se que estas podem condicionar a aceitação das crianças adotadas na família alargada (por exemplo, avós) e na sociedade.

Em suma, a literatura no âmbito da relação avós-netos em famílias adotivas é escassa. Afigura-se então relevante o estudo da relação avós-netos adotados tendo como premissa de base que esta se constrói de acordo com trocas mútuas entre os seus intervenientes e outras influências do meio, de acordo com o Modelo Bioecológico, e nunca descurando as características particulares inerentes à adoção. Desta forma, esta investigação é sobretudo direcionada ao estudo da relação avós-netos adotados, a partir da TSFI que tem vindo a ser referida como promissora na caracterização das relações intergeracionais, tendo como pano de fundo a adoção como processo familiar.

## CAPÍTULO II

### Método

---

## 1. Objetivos de investigação

É inegável a importância das relações intergeracionais que decorrem das ligações entre avós, pais e netos, sublinhando-se que, neste contexto, interessa sobretudo explorar as características das relações avós-netos. Assim, tem vindo a verificar-se que as gerações mais velhas assumem uma grande responsabilidade na integração dos mais novos em toda a linhagem e tradição familiar, sendo que os netos, por seu lado, reconhecem e valorizam o papel dos avós ao longo do seu percurso de vida.

No caso específico da adoção, apesar da escassa literatura na área, sabe-se que é importante a presença e o envolvimento dos avós na chegada de uma criança à família adotiva, podendo estes contribuir para o desenvolvimento de um sentimento de pertença à nova família. Acrescenta-se ainda que a relação avós-netos não é apenas importante para esta diáde mas também para os pais das crianças, que valorizam a aceitação, dos seus próprios pais, face à criança adotada.

Desta forma, torna-se pertinente conhecer a natureza da relação dos avós com os seus netos adotados, bem como confrontar essa mesma relação com as relações avós-netos biológicos, a acrescer ao facto de importar conhecer as vivências e representações dos avós relativas ao processo de adoção.

Nesse sentido, são objetivos específicos deste estudo:

- a) Caracterizar a relação avós-netos adotados de acordo com três dimensões propostas pela TSFI;
- b) Confrontar a relação avós-netos adotados em idade escolar e adolescência com a relação avós-netos biológicos, estudada de acordo com a TSFI, por Queirós (2005) e Domingos (2008);
- c) Descrever as vivências dos avós relativas ao processo de adoção;
- d) Explorar as representações dos avós acerca do conceito de adoção;
- e) Identificar o impacto de variáveis associadas à adoção na relação avós-netos adotados.

Deste modo, este é um estudo exploratório que sendo pioneiro, promoverá o alargamento do conhecimento sobre o significado da adoção num microssistema importante para o desenvolvimento da criança adotada, designadamente o contexto da relação avós-netos.



## 2. Participantes

Este estudo foi conduzido junto de uma amostra de conveniência em que participaram os avós de várias famílias pertencentes ao projeto IPA<sup>2</sup> (Barbosa-Ducharme & colaboradores IPA, 2011), a saber 61 avós dos quais 39 (63.9%) são elementos do sexo feminino e 22 (36.1%) do sexo masculino. Apresentam uma idade mínima de 57 anos e máxima de 79 anos, sendo que a idade média é de 69.21 anos ( $DP= 6.76$ ). Além disso, 27 avós são de uma linhagem materna (44.3%) e 34 de linhagem paterna (55.7%), sendo que o recurso ao teste estatístico *qui quadrado* evidenciou não existir qualquer associação entre a distribuição segundo o sexo e a linhagem

Quanto aos anos de estudo, 40 avós têm quatro ou menos anos de estudo (65.6%), 10 avós têm de cinco a nove anos de estudo (16.4%) e 11 avós têm 12 ou mais anos de estudo (18%), oscilando entre um mínimo de 0 anos e um máximo de 17 anos com uma média de 6.46 anos de estudo ( $DP= 5.13$ ). Além disso, 51 avós são casados (83.6%) e 10 (16.4%) apresentam outro estado civil (solteiro e viúvo).

Apenas 18 avós (29.5%) têm somente um neto, 24 têm de dois a quatro netos (39.3%) e 19 têm cinco netos ou mais (31.1%), sendo que o número mínimo de netos é 1, o número máximo é 13 e a média é de 3.67 netos ( $DP= 2.85$ ). Aquando da chegada à família do neto adotado, para 26 avós este foi o primeiro neto (42.6%) enquanto outros 25 avós já tinham de um a três netos (41%) e, por fim, uma minoria de 8 avós já tinha quatro ou mais netos (13.1%). Desta forma, o número médio de netos antes da adoção é de 1.66 ( $DP= 2.40$ ), variando entre um mínimo de 0 e um máximo de 11. Esclarece-se ainda que 26 avós (42.6%) apenas têm netos adotados, sendo que os restantes 35 avós (57.4%) têm netos biológicos e adotados.

Quanto às características dos netos, 22 são do sexo feminino (36.1%) e 39 do sexo masculino (63.9%). Têm idades compreendidas entre 4 e 17 anos ( $M= 8.57$ ;  $DP = 3.31$ ), tendo sido adotados, em média, com 5.22 anos ( $DP= 3.08$ ), variando entre os 3 meses e os 10 anos de idade à data de adoção. Além disso, em média, os netos estão na família adotiva há cerca de 5 anos ( $M= 5.33$ ;  $DP= 3.08$ ).

---

<sup>2</sup> O projeto IPA tem como objetivo conhecer as vivências dos diferentes intervenientes no processo de adoção em particular dos pais adotivos e filhos adotados. Assumindo uma perspetiva ecológica do desenvolvimento da criança adotada, o sistema relacional dos avós é um sistema que também deve ser tomado em consideração pelo impacto que assume no neto adotado.

### 3. Instrumento

Tendo em conta a escassez de investigação que incida sobre a relação avós-netos no contexto da adoção, o instrumento usado na recolha de dados deste estudo, foi elaborado a partir de outros instrumentos existentes. Como tal, criou-se a Entrevista a Avós sobre o Processo de Adoção (EAPA) (Barbosa-Ducharne et al., 2011), inspirada na Entrevista sobre o Processo de Adoção (EPA) (Barbosa-Ducharne, Moreira, Ferreira da Silva, Monteiro & Soares, 2009), no Guião de Entrevista de Solidariedade Intergeracional: versão dos avós (GESI-A) (Barbosa-Ducharne & Queirós, 2005), revisto e adaptado (Barbosa-Ducharne & Domingos, 2008) e nalguns dados de revisão da literatura relativos à temática da adoção, à representação pessoal e social da adoção e à relação avós-netos.

A EAPA é composta por 79 questões, integrando questões de resposta fechada e aberta, sendo a grande maioria das respostas de tipo *Lickert*, numa escala de 5 ou 6 pontos.

Este instrumento divide-se em quatro partes essenciais, nomeadamente uma primeira parte destinada à recolha de informação geral sobre o avô; uma segunda parte referente à exploração das representações dos avós acerca da adoção e à exploração das fontes de informação dos avós sobre o mesmo tema; uma terceira parte dedicada à exploração das vivências dos avós durante o processo de adoção do neto e as crenças acerca do mesmo; uma quarta parte dedicada à exploração da relação avós-netos.

Na primeira parte, o instrumento visa a recolha dos seguintes dados: nome do avô, idade, habilitações literárias, profissão, estado civil, números de netos, a idade em que o neto foi adotado, número de netos prévios ao neto adotado e a linhagem a que pertence o avô. Ou seja, nesta parte inicial do instrumento, pretende-se obter dados de caracterização geral do participante e do neto sobre o qual responde.

Na parte seguinte, numa escala de *Lickert* de 1 a 6 pontos, o instrumento contém itens destinados a perceber quais são as principais fontes de informação dos avós acerca da adoção (televisão, rádio, jornais e revistas, vizinhos/amigos ou família), assinalando o seu nível de congruência com a realidade e o tipo de imagem que transmitem acerca da adoção. Por outro lado, numa escala de *Lickert* de 1 a 5 pontos, o instrumento refere-se à caracterização das crianças adotadas em geral a partir de uma lista de adjetivos. Além disso, através da apresentação de vinhetas com ilustração de comportamentos opostos de duas personagens, os respondentes devem referir se alguma destas se refere a crianças ou jovens adotados. As situações descritas nas vinhetas remetem para comportamentos extremos, adequados ou disruptivos, em contexto familiar, escolar e noutros contextos

sociais. Pretende-se aceder às representações dos avós acerca dos indivíduos adotados através da atribuição que fizeram aos comportamentos descritos.

A terceira parte, cuja construção tem na base a EPA<sup>3</sup>, privilegia a exploração das vivências do processo de adoção pelos avós. Explora os motivos que despoletaram a adoção, abordando os pensamentos e sentimentos dos avós aquando do conhecimento da decisão de adotar por parte do/a filho/a; explora os pensamentos, sentimentos, receios e mudanças provocadas pela chegada do neto; explora a perceção do avô face ao nível de integração do neto na família, grau de satisfação com as características deste e o nível de afetuosidade com o avô e avó; explora a comunicação sobre a adoção na família; por fim, explora crenças sobre adoção (*e.g.* ser avô adotivo é mais difícil do que ser avô biológico)<sup>4</sup>.

A última parte é destinada à caracterização do neto adotado, por parte do avô, através de uma lista de adjetivos, e inclui os itens do GESI-A (Barbosa-Ducharme & Domingos, 2008) que permitem a avaliação da relação avós-netos, a partir da perceção dos avós e segundo as dimensões da TSFI, os quais foram adaptados em função das características específicas do presente estudo. O quadro 1 apresenta os valores de fidelidade avaliada através do índice *alpha de Cronbach* para as três dimensões consideradas, bem como da escala completa. Segundo Almeida e Freire (2000), o índice de fidelidade dos dados refere-se ao grau de confiança e exatidão dos resultados.

**Quadro 1.** Valores de *alpha de Cronbach* para as diferentes dimensões e total da escala.

Dimensões	Alpha de Cronbach
Associacional	.83
Funcional	.86
Afetiva	.51
Total da escala	.96

A partir do quadro 1, verifica-se que o valor de *alpha de Cronbach* para o conjunto total de itens da escala é bastante promissor (.96)<sup>5</sup>. Relativamente às dimensões que compõem esta mesma escala, destacam-se os valores elevados nas dimensões associacional (.83) e funcional (.86) que mostram uma forte consistência interna. Porém, na dimensão

<sup>3</sup> A EPA foi o instrumento aplicado aos pais do projeto IPA.

<sup>4</sup> O estudo de Barroso (2011) realizado em estreita colaboração com o presente trabalho incide de modo aprofundado nos dados recolhidos essencialmente nesta terceira parte da EAPA.

<sup>5</sup> Usa-se como critério para considerar a existência de fidelidade o valor igual ou superior a .75 tal como proposto por Almeida e Freire(2000).

afetiva, o índice de *alpha de Cronbach* é inferior ao critério (.51) à semelhança do que ocorre no estudo de Queirós (2005) e Domingos (2008) nos quais são apontados valores de .59 e .64, respetivamente, sendo que para as dimensões associacional e funcional existe também uma forte consistência interna nos seus estudos.

#### **4. Procedimento**

Tendo presente que são participantes deste estudo os avós das famílias adotivas envolvidas no projeto IPA (Barbosa-Ducharne & colaboradores IPA, 2011), foi pedido aos pais adotantes autorização para contactar com aquela geração com objetivo de solicitar a colaboração no estudo. Desde logo, ocorreram algumas recusas por parte dos pais devido a motivos variados (doença dos avós, idade avançada dos mesmos, entre outros).

Obtidas as autorizações, contactaram-se os avós e agendaram-se os momentos de encontro em local definido pelos mesmos e de acordo com a sua disponibilidade. Por isso, a maioria das entrevistas ocorreu no domicílio dos avós ou no domicílio dos netos, sendo que outras ainda se realizaram na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. As entrevistas em média duraram 90 minutos ( $M= 91.80$ ;  $DP= 27.764$ ) variando entre um mínimo de 55 e um máximo de 165 minutos, sendo realizadas em contactos face-a-face, respeitando as características e ritmo de cada figura grã-parental.

Para a realização das entrevistas entrevistaram duas investigadoras devidamente formadas acerca do instrumento aplicado com os avós, o que permitiu controlar o efeito de eventuais variáveis não desejáveis na condução da entrevista, tentando homogeneizar-se o mais possível a experiência de entrevista a que todos os avós foram submetidos. Neste estudo, talvez tendo em conta a idade dos participantes e as respetivas habilitações literárias, ocorreram algumas dificuldades de compreensão das respostas fechadas em escala de tipo *Lickert*, por isso, foi necessária a criação de estratégias partilhadas entre as duas investigadoras com vista a clarificar a compreensão dessa mesma escala.

Os dados recolhidos foram organizados numa base de dados analisada através do pacote de programas de estatística *PASW Statistics 18*, tendo-se procedido a análises descritivas univariadas, com recurso a medidas de tendência central e dispersão, a procedimentos paramétricos para comparação de grupos, como o teste *t de Student* e análise de variância, e para exploração de relações entre variáveis como a correlação bivariada. Sempre que as características das variáveis assim o impuseram recorreu-se a procedimentos não paramétricos, como o teste não-paramétrico de *Wilcoxon*.

## **CAPÍTULO III**

### **Resultados**

---

Nesta secção pretende-se, através de diferentes procedimentos estatísticos, caracterizar a relação avós-netos adotados e confrontar as características desta relação com a relação avós-netos biológicos; descrever as vivências dos avós relativas à adoção desde o início do processo com a tomada de conhecimento da decisão de adotar dos respetivos filhos até às consequências de todo este processo na sua vida; explorar as representações dos avós acerca da adoção e da criança adotada; por último, analisar algumas variáveis relativas à adoção verificando o seu impacto na relação dos avós com os seus netos adotados.

## 1. Relação avós-netos adotados

A relação entre avós e netos adotados foi analisada de acordo com as dimensões sugeridas pela TSFI: a dimensão associacional, a dimensão funcional e a dimensão afetiva<sup>6</sup>. O quadro 2 apresenta os resultados obtidos relativamente a cada uma destas dimensões.

**Quadro 2.** *Medidas descritivas das dimensões da relação avós-netos (N=61).*

	<b>Média</b>	<b>Desvio-Padrão</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
<b>Dimensão associacional</b>	3.41	.609	1.89	4.67
<b>Dimensão funcional</b>	3.08	.636	1.62	4.85
<b>Dimensão afetiva</b>	4.72	.378	3.33	5.00

O recurso ao procedimento estatístico teste *t de Student* para amostras emparelhadas, permitiu verificar que existem diferenças estatisticamente significativas ( $p \leq .001$ ) na comparação entre as médias de todas as dimensões, permitindo estabelecer o seguinte padrão: afetiva > associacional > funcional. Este padrão evidencia que a dimensão mais forte na relação avós-netos é de ordem afetiva, evocadora de proximidade emocional e expressão de afetos positivos na interação avós-netos, segundo o ponto de vista dos avós. A dimensão associacional, dizendo respeito a atividades partilhadas e frequência de

<sup>6</sup> Em contraste com os estudos de Queirós (2005) e Domingos (2008), neste estudo abdicou-se da dimensão estrutural visto que havia um interesse superior em explorar os aspetos vivenciais da relação em detrimento de aspetos independentes dos avós como a sua idade ou o número total de netos. Estas variáveis foram contudo analisadas no seu potencial impacto sobre as dimensões associacional, funcional e afetiva da relação avós-netos. Refira-se ainda que os valores de consistência interna *alpha de Cronbach* obtidos para esta dimensão nos estudos de Queirós (2005) e Domingos (2008) foram muito baixos variando entre -.32 e -.80, respetivamente.

contacto social entre avós e netos, é a segunda dimensão mais importante, seguida da dimensão funcional, que se refere ao apoio entre avós e netos.

**Quadro 3.** *Matriz de correlações entre as dimensões da relação avós-netos (N=61).*

	<b>Dimensão associacional</b>	<b>Dimensão funcional</b>	<b>Dimensão afetiva</b>
<b>Dimensão associacional</b>	-	.471**	.350*
<b>Dimensão funcional</b>	-	-	.420*
<b>Dimensão afetiva</b>	-	-	-

\* $p \leq .01$

\*\* $p \leq .001$

Como se pode observar pelo quadro 3, constata-se uma correlação positiva, moderada<sup>7</sup>, significativa entre a dimensão associacional e a afetiva ( $r=.350$ ;  $p=.006$ ) que demonstra que quanto mais os avós visitam os netos e partilham atividades com eles, mais próximos são emocionalmente dos mesmos. De igual forma, regista-se uma correlação positiva, moderada, significativa entre a dimensão funcional e a dimensão afetiva ( $r=.420$ ;  $p=.001$ ) que ilustra que quanto maior é o apoio e assistência entre gerações, maior é também a proximidade emocional entre avós e netos. Por último, verifica-se uma correlação positiva, moderada, significativa entre a dimensão funcional e associacional ( $r=.471$ ;  $p=.000$ ) que se traduz no facto do maior apoio e assistência entre gerações ser acompanhado de um maior número de contactos avós-netos e mais atividades partilhadas.

Para explorar o impacto sobre as dimensões da relação avós-netos de variáveis independentes relativas aos avós, como o sexo, a linhagem, o estado civil dos avós e o facto de apenas existirem netos adotados na família, recorreu-se ao procedimento estatístico teste *t de Student* para amostras independentes, tendo-se verificado que o sexo dos avós não determina diferenças significativas entre os grupos, em qualquer das dimensões, sendo que no que diz respeito à linhagem, se verifica que os avós da linhagem materna ( $M= 3.73$ ;  $DP= .47$ ) apresentam diferenças estatisticamente significativas ( $t_{(59)}=1.46$ ;  $p=.000$ ) superiores na dimensão associacional comparativamente com os de linhagem paterna ( $M= 3.15$ ;  $DP= .59$ ). Os avós de linhagem materna visitam com mais frequência os seus netos e realizam mais atividades em conjunto com eles. Por último, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas de acordo com o estado civil dos avós definido em dois grupos (casados e outros), nem se registaram diferenças

<sup>7</sup> Segundo Cohen (1988 cit in Pallant, 2001 p. 120) um  $r=.10$  a  $.29$  ou  $-.10$  a  $-.29$  é considerado fraco, um  $r=.30$  a  $.49$  ou  $-.30$  a  $-.49$  é considerado moderado e um  $r=.50$  a  $1.0$  ou  $-.50$  a  $-1.0$  é considerado forte.

significativas entre os avós que apenas tinham netos adotados e os que tinham netos adotados e biológicos.

No sentido de verificar o impacto da posição que o neto adotado ocupa no conjunto de netos realizou-se uma análise de variância em que se compararam as médias nas diferentes dimensões entre grupos de avós definidos em função do número de netos (avós cujo neto adotado foi o primeiro, avós que já tinham entre um e três netos quanto este neto foi integrado e avós que já tinham quatro ou mais netos prévios), tendo-se verificado que apenas existiam diferenças estatisticamente significativas na dimensão associacional ( $F_{(2,56)}=4.45$ ;  $p=.016$ ). O recurso ao teste *post-hoc* Scheffe, evidenciou que o grupo dos avós que têm quatro ou mais netos prévios se distinguem dos outros dois, apresentando uma média ( $M= 2.86$ ;  $DP= .664$ ), significativamente menor ( $p= .018$  e  $p= .047$ , respetivamente) que o grupo de avós cujo neto adotado foi o primeiro neto ( $M= 3.56$ ;  $DP= .465$ ) e o grupo de avós que tinham um a três netos prévios à integração do neto adotado ( $M= 3.46$ ;  $DP= .656$ ), evidenciando que quando os avós têm quatro ou mais netos no momento da chegada do neto adotado, realizam com menor frequência atividades em conjunto com o neto adotado.

Para determinar o impacto de variáveis independentes como idade, anos de estudo e número de netos, procedeu-se a uma correlação bivariada com as variáveis relativas às dimensões da relação avós-netos, tendo-se verificado que a idade dos avós não se correlacionava de modo significativo com nenhuma das dimensões. No que diz respeito aos anos de estudo completados pelos avós, verificou-se uma correlação positiva, moderada, significativa, entre o número de anos de estudo dos avós e a dimensão funcional ( $r= .344$ ;  $p= .007$ ), indicando que quanto mais anos de estudo possuem os avós maior é o apoio e assistência prestado ao neto adotado. Verificou-se, ainda, uma correlação negativa, moderada, significativa entre a dimensão associacional e o número de netos ( $r= -.353$ ;  $p=.005$ ) e entre a dimensão funcional e o número de netos ( $r= -.297$ ;  $p= .02$ ). Isto é, quanto menos netos o avô tiver, mais são os contactos com o neto e as atividades partilhadas entre o avô e o neto adotado, e maior apoio e assistência é dado a este neto em particular.

No que diz respeito ao impacto que as variáveis independentes relativas ao neto têm sobre as dimensões da relação avós-netos, recorreu-se quer a comparação de médias através do procedimento estatístico teste *t de Student* para amostras independentes, quer a correlações bivariadas. Assim, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas associadas ao sexo do neto na dimensão afetiva ( $t_{(58.108)}= 5.57$ ;  $p=.043$ ), observando-se que



os avós sentem uma maior proximidade emocional com as suas netas ( $M= 4.84$ ;  $DP= .264$ ) do que com os netos ( $M= 4.66$ ;  $DP= .418$ ). No entanto, a idade do neto não está significativamente correlacionada com nenhuma das dimensões da relação avós-netos, tal como a idade em que o neto foi adotado.

### 1.1 Confronto da relação avós-netos adotados com a relação avós-netos biológicos

Pretende-se confrontar a relação avós-netos adotados com a relação avós-netos biológicos a partir dos dois únicos estudos portugueses que recorrem à TSFI para explorar a relação avós-netos biológicos. Estes apenas se referem a netos de idade escolar (Queirós, 2005) e a netos adolescentes (Domingos, 2008), por isso, serão esses os dados usados para comparação.

**Quadro 4.** *Medidas descritivas das dimensões da relação avós-netos ( $N=61$ ) de acordo com as faixas etárias do neto adotado.*

		<b>Média</b>	<b>D-P</b>
<b>Dimensão associacional</b>	Idade pré-escolar ( $n=16$ )	3.53	.666
	Idade escolar ( $n=24$ )	3.32	.624
	Adolescência ( $n=21$ )	3.40	.557
<b>Dimensão funcional</b>	Idade pré-escolar ( $n=16$ )	3.07	.408
	Idade escolar ( $n=24$ )	2.97	.781
	Adolescência ( $n=21$ )	3.22	.594
<b>Dimensão afetiva</b>	Idade pré-escolar ( $n=16$ )	4.83	.204
	Idade escolar ( $n=24$ )	4.64	.365
	Adolescência ( $n=21$ )	4.74	.475

Como se pode observar pelo quadro 4, na perspetiva dos avós e de acordo com os grupos de idade definidos, a relação estabelecida com os netos de idade pré-escolar (4 a 5 anos de idade) é aquela que apresenta valores médios superiores em termos de partilha de atividades, de frequência de contacto e proximidade emocional. Verifica-se ainda que a relação com netos adolescentes (11 a 17 anos de idade) apresenta valores superiores em termos de benefício de apoio e assistência. Por outro lado, constata-se que a relação com os netos de idade escolar (6 a 10 anos de idade) é caracterizada como tendo valores médios inferiores no que diz respeito à partilha de atividades, ao benefício de apoio e assistência e à ligação afetiva com os avós. No entanto, através de uma análise de variâncias verificou-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os diferentes grupos de idade definidos.

Para confrontar a relação avós-netos adotados com a relação avós-netos biológicos, procedeu-se à análise da magnitude das diferenças entre as médias de cada dimensão, em cada uma das amostras, através do cálculo da dimensão do efeito (*effect size*), indicado pelo *d de Cohen*.

Tendo em conta que a média de idades das crianças em idade escolar (entre 6 e 10 anos;  $M= 7.96$ ;  $DP= 1.33$ ) do presente estudo é diferente da média de idades das crianças participantes no estudo de Queirós (2005) com média de idades de 8.7 ( $DP= 3.6$ ), recorreu-se ao cálculo do índice *d de Cohen* para identificar a magnitude das diferenças entre as idades das crianças dos dois grupos, tendo-se obtido um valor de *d de Cohen* = .27, indicador de pequena diferença.

Procedendo de igual modo para comparar as idades médias do grupo dos adolescentes adotados do presente estudo (idade entre 11 e 17 anos;  $M= 12.29$ ;  $DP= 1.79$ ) e os adolescentes do estudo de Domingos (2008), com média de idades de 14.57 ( $DP= .50$ ), obteve-se um valor de *d de Cohen* = 1.73, indicador de grande diferença.

De seguida, apresentam-se os resultados do confronto das medidas descritivas das dimensões da relação avós-netos obtidas no presente estudo com as medidas descritivas obtidas nos estudos citados envolvendo avós e netos com laço biológico.

**Quadro 5.** Medidas descritivas da relação avós-netos adotados e da relação avós-netos biológicos (Queirós, 2005) em *idade escolar* e magnitude das diferenças de médias entre cada estudo.

	Relação avós-netos adotados ( $n= 24$ ) ( $Midade=7.96$ ; $DP=1.33$ )		Relação avós-netos biológicos ( $N= 69$ ) ( $Midade=8.7$ ; $DP=3.6$ )			
	Média	D-P	Média	D-P	<i>d de Cohen</i>	Magnitude das diferenças
<b>D. associacional</b>	3.32	.624	2.39	.534	1.60	Grande
<b>D. funcional</b>	2.97	.781	2.28	.601	.99	Grande
<b>D. afetiva</b>	4.63	.365	4.05	.405	1.50	Grande

Observando, a partir do quadro 5, as médias obtidas neste estudo para cada dimensão (associacional, funcional, afetiva) no grupo de crianças de idade escolar e comparando com os resultados obtidos por Queirós (2005), verifica-se que a relação avós-netos adotados é percebida como mais positiva. Regista-se uma grande magnitude de diferenças entre os dois estudos, sendo que, segundo a perspetiva dos avós, no presente estudo, se obtiveram valores superiores nas três dimensões.

Apesar de Queirós (2005) não ter procedido a análises estatísticas que permitam identificar a existência de diferenças com significância estatística entre as dimensões, a partir das médias obtidas, o padrão encontrado para a relação avós-netos biológicos em idade escolar é o seguinte: dimensão afetiva > dimensão associacional > dimensão funcional. Este padrão é comum às relações avós-netos adotados na mesma faixa etária<sup>8</sup>, o que demonstra a existência de uma mesma natureza da relação entre avós e netos biológicos e avós e netos adotados.

**Quadro 6.** Medidas descritivas da relação avós-netos adotados e da relação avós-netos biológicos (Domingos, 2008) na adolescência e magnitude das diferenças de médias entre cada estudo.

	Relação avós-netos adotados (n= 21) (Midade=12.29; DP=1.79)		Relação avós-netos biológicos (N= 41) (Midade=14.57; DP=.50)			
	Média	D-P	Média	D-P	d de Cohen	Magnitude das diferenças
<b>D. associacional</b>	3.40	.557	1.95	.306	3.23	Grande
<b>D. funcional</b>	3.22	.594	2.03	.377	2.39	Grande
<b>D. afetiva</b>	4.74	.475	4.00	.476	1.56	Grande

De forma semelhante, tendo em conta os resultados obtidos por Domingos (2008), verifica-se que a relação avós-netos adotados adolescentes apresenta valores mais elevados (quadro 6). Comparando as médias de cada dimensão da relação avós-netos adolescentes adotados com as médias obtidas por Domingos (2008), regista-se uma magnitude de diferenças grande, tendo-se obtido valores mais elevados no presente estudo.

Domingos (2008) também não verificou a eventual existência de diferenças com significância estatística entre as dimensões, mas, tendo como referência as médias, pode identificar-se o seguinte padrão: dimensão afetiva > dimensão funcional > dimensão associacional. Confrontando com o padrão obtido no estudo da relação avós-netos adotados na mesma faixa etária (dimensão afetiva > dimensão associacional = dimensão funcional<sup>9</sup>), verifica-se desde logo uma semelhança na natureza de ambas as relações pela valorização comum da dimensão afetiva. Contudo, os avós de netos adotados valorizam tanto a frequência de contacto e as atividades partilhadas como o apoio entre gerações.

<sup>8</sup> Neste grupo etário obtiveram-se diferenças estatisticamente significativas entre todas as dimensões da relação avós-netos adotados, através do procedimento teste *t de Student* para amostras emparelhadas.

<sup>9</sup> Neste grupo etário, não se encontraram diferenças estatisticamente significativas entre as dimensões associacional e funcional, exploradas através do procedimento teste *t de Student* para amostras emparelhadas.

Apesar dos resultados atrás apresentados assinalarem diferenças na relação avós-netos adotados comparativamente com a relação avós-netos biológicos, verifica-se que os avós têm uma perceção da sua própria família (com um ou mais netos adotados) como muito semelhante às famílias convencionais, apresentando uma média de 5.89 ( $DP = .551$ ) numa escala de *Lickert* de 6 pontos em que o último ponto se refere ao forte grau de semelhança entre a sua família e uma família convencional. Por último, nos casos em que os avós tinham netos biológicos além do/s adotado/s foi perguntado se faziam alguma distinção entre os netos biológicos e os adotados, o que permitiu observar que, de 36 respostas, apenas seis (16.6%) faziam distinção entre os netos, sendo que destes, três (4.9%) distinguiram negativamente os netos por motivos relacionados com a adoção.

## **2. Vivências dos avós relativas ao processo de adoção**

Nesta secção são apresentados os resultados das variáveis que dizem respeito às vivências dos avós ao longo do processo de adoção. Note-se que as referidas variáveis resultam de questões da EAPA respondidas numa escala de tipo *Lickert* em 6 pontos<sup>10</sup>.

Em 86.9% ( $n = 53$ ) das famílias destes avós, o principal motivo para os pais optarem pela adoção refere-se a infertilidade ou a um risco genético na eventualidade de terem um filho biológico. Dessa forma, quando os avós recebem a notícia da decisão de adoção por parte do/a filho/a apresentam sentimentos ( $M = 5.62$ ;  $DP = .860$ ) e pensamentos ( $M = 5.34$ ;  $DP = 1.182$ ) muito positivos. Por outro lado, nos primeiros contactos que estabelecem com os netos, os sentimentos ( $M = 5.86$ ;  $DP = .395$ ) e pensamentos ( $M = 5.59$ ;  $DP = .726$ ) são igualmente muito positivos.

Relativamente ao afeto que os avós sentem que os seus netos adotados lhes transmitem, verifica-se que em regra sentem muito afeto do neto quer para com a avó ( $M = 5.43$ ;  $DP = .927$ ) quer para com o avô ( $M = 5.40$ ;  $DP = .818$ ), sendo que os avós manifestam um grau de satisfação muito elevado com as características atuais do neto ( $M = 5.70$ ;  $DP = .715$ ). A acrescer a isso afirmam, em média, uma quase total integração do neto na família ( $M = 5.90$ ;  $DP = .473$ ) e consideram que o neto está muito feliz com a adoção ( $M = 5.82$ ;  $DP = .646$ ).

---

<sup>10</sup> Uma análise aprofundada das vivências do processo de adoção pelos avós é apresentada na dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia de Barroso (2011).

No que toca à comunicação sobre adoção, os avós pouco falam com o neto acerca desse tema ( $M= 2.92$ ;  $DP= 1.881$ ), sendo que com o/a próprio/a filho/a apenas 15 avós (24.6%) falam sobre adoção depois do neto estar na família.

No que se refere ao impacto da adoção na vida dos avós, estes demonstram que a chegada do neto provocou muito poucas mudanças pessoais ( $M= 1.93$ ;  $DP= 1.621$ ) e na sua vida social ( $M= 1.41$ ;  $DP= 1.101$ ). Contudo, os avós referem que a adoção lhes trouxe uma vida familiar muito mais feliz ( $M= 5.36$ ;  $DP=.857$ ) e um pouco mais difícil ( $M= 3.18$ ;  $DP=.873$ ) do que o que até aí se verificava. Além disso, sentem uma grande satisfação com a sua família relativamente à vivência da adoção ( $M= 5.72$ ;  $DP=.686$ ), apontando uma repercussão muito positiva da mesma na sua vida ( $M= 5.57$ ;  $DP=.784$ ).

Os avós referem que aconselhariam incondicionalmente a adoção a alguém seu conhecido que tivesse o desejo de o fazer ( $M= 5.70$ ;  $DP= .587$ ) e, quando foi perguntado aos avós se o seu conceito sobre adoção havia mudado pela vivência dessa experiência na família, importa destacar que os avós referem quase não ter havido mudanças nesse mesmo conceito ( $M= 1.97$ ;  $DP= 1.643$ ). Por último, no que diz respeito à perceção que os avós têm do interesse das crianças adotadas pela sua vida anterior à adoção, obteve-se uma média de 3.13 ( $DP= 1.803$ ), indicadora de divergência entre as opiniões dos avós, na medida em que 52.5% dos avós consideram que as crianças não têm um forte interesse pelo seu passado e 47.5% acreditam que esse é um assunto que interessa às crianças adotadas.

### **3. Representações dos avós acerca da adoção e da criança adotada**

De seguida, apresentam-se os resultados obtidos nas variáveis relativas às representações dos avós, fazendo uma abordagem às principais fontes de informação acerca do tema da adoção, apresentando as respostas obtidas nas vinhetas da EAPA e, por último, descrevendo a perceção que os avós têm acerca das crianças adotadas em geral comparativamente com a perceção do seu próprio neto.

Verificou-se que de entre cinco fontes de informação apresentadas acerca da adoção (televisão, jornais e revistas, rádio, vizinhos e amigos, família) a que mais informa os avós é a televisão ( $n= 44$ ) comparativamente com os vizinhos e amigos ( $n= 32$ ), a família ( $n= 21$ ), os jornais e revistas ( $n= 19$ ) e a rádio ( $n= 0$ ).

Na perspetiva dos avós, a fonte de informação que veicula informações acerca da adoção mais congruentes com a realidade é a família ( $M= 5.33$ ;  $DP= 0.80$ ), tendo em conta

os valores obtidos nos jornais e revistas ( $M= 4.32$ ;  $DP= 1.67$ ), na televisão ( $M= 4.09$ ;  $DP= 1.76$ ) e nos vizinhos e amigos ( $M= 3.69$ ;  $DP= 1.86$ ). O recurso ao procedimento estatístico teste *t de Student* para amostras emparelhadas, permitiu verificar que existem diferenças estatisticamente significativas na comparação entre as médias da congruência com a realidade das informações veiculadas pela televisão e pela família ( $t_{(14)}=-3.73$ ;  $p=.002$ ) e pelos amigos e vizinhos e a família ( $t_{(12)}=-4.68$ ;  $p=.001$ ), sendo que, segundo os avós, é a família que veicula uma imagem da adoção mais congruente com a realidade. Nos restantes pares não se registam diferenças estatisticamente significativas.

Por outro lado, segundo os avós, é também a família que transmite uma imagem mais positiva acerca da adoção ( $M= 5.10$ ;  $DP = 1.09$ ), sendo que os vizinhos e amigos ( $M= 3.81$ ;  $DP= 1.96$ ), a televisão ( $M= 3.26$ ;  $DP= 1.62$ ) e os jornais e revistas ( $M= 3.11$ ;  $DP= 1.85$ ) veiculam uma imagem menos positiva. Através do teste *t de Student* para amostras emparelhadas verificou-se que ao comparar as médias da imagem transmitida pela televisão e pela família acerca da adoção, existem diferenças estatisticamente significativas ( $t_{(14)}=-5.48$ ;  $p=.000$ ), sendo que é a família que transmite uma visão mais positiva. Da mesma forma, usando o mesmo procedimento estatístico, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas ao comparar a imagem transmitida pelos vizinhos e amigos com a imagem transmitida pela família ( $t_{(12)}=-3.55$ ;  $p=.004$ ), obtendo-se uma imagem claramente mais positiva da adoção proveniente desta última. Para os restantes pares não se verificaram diferenças estatisticamente significativas.

Quanto ao impacto das variáveis relativas às fontes de informação na relação avós-netos, realizaram-se algumas análises de correlação bivariada que mostraram apenas um efeito significativo, designadamente uma correlação positiva, moderada, entre a congruência com a realidade das informações veiculadas pela televisão e a dimensão afetiva ( $r= .368$ ;  $p= .015$ ), isto é, verifica-se que quanto maior é a ligação emocional dos avós aos netos, maior é o grau de concordância com a realidade, que os avós atribuem às informações transmitidas pela televisão.

No que se refere à confrontação dos avós com diferentes vinhetas, constituídas cada uma por duas personagens que representam comportamentos opostos – um positivo e outro negativo – em situações diversas de interação social, verificou-se que a moda das respostas é *qualquer um*, isto é, qualquer uma das crianças poderia ser uma criança adotada. Nessa sequência, nos motivos de escolha da resposta, a moda indica que os avós justificam a resposta dada com o facto de a *adoção ser um fator irrelevante*. Ou seja, para estes avós a adoção não é um fator determinante de comportamentos positivos ou negativos.

Além disso, relativamente às influências que os avós consideram ter impacto no comportamento da criança, verifica-se que as experiências na família adotiva são as que, na perspectiva dos avós, têm mais impacto no comportamento atual da criança ( $M= 4.79$ ;  $DP= 1.58$ ) comparativamente com as influências dos amigos e local de residência ( $M= 4.03$ ;  $DP= 1.61$ ), as influências das experiências prévias à adoção ( $M= 3.95$ ;  $DP= 1.73$ ) e a influência dos antecedentes genéticos ( $M= 2.64$ ;  $DP= 1.62$ ). Recorrendo ao teste *t de Student* para amostras emparelhadas, verificou-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre todos os pares de variáveis ( $p \leq .001$ ) à exceção da comparação entre a influência das experiências prévias à adoção e a influência dos amigos e local de residência. Assim, tendo em conta a opinião dos avós, o comportamento atual do neto adotado é sobretudo influenciado pelas experiências na família adotiva seguida das influências de amigos e vizinhança, sendo menos importantes as influências das experiências prévias à adoção e a influência dos antecedentes genéticos.

Com o objetivo de aceder à conceção que os avós têm das crianças adotadas em geral, criou-se uma variável *Perceção da Criança Adotada* que resulta da média obtida nos itens de caracterização, pelos avós, das crianças adotadas em geral (e.g. simpático-antipático, meigo-agressivo). O mesmo procedimento foi seguido para a definição de uma outra variável *Perceção do Neto Adotado* que resulta da média obtida nos itens de caracterização do neto adotado. Note-se que estes itens de caracterização das crianças adotadas em geral e do neto são rigorosamente os mesmos, embora distribuídos em diferentes momentos da EAPA. A partir do teste *t de Student* para amostras emparelhadas, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre a variável *Perceção do neto* e a variável *Perceção da Criança Adotada* ( $t_{(27)}=-6.08$ ;  $p=.000$ ), sendo que a primeira apresenta uma média superior ( $M= 3.91$ ;  $DP= .540$ ) relativamente à última ( $M= 3.41$ ;  $DP= .449$ ), o que ilustra que os netos são caracterizados de uma forma mais positiva face ao conceito genérico de criança adotada.

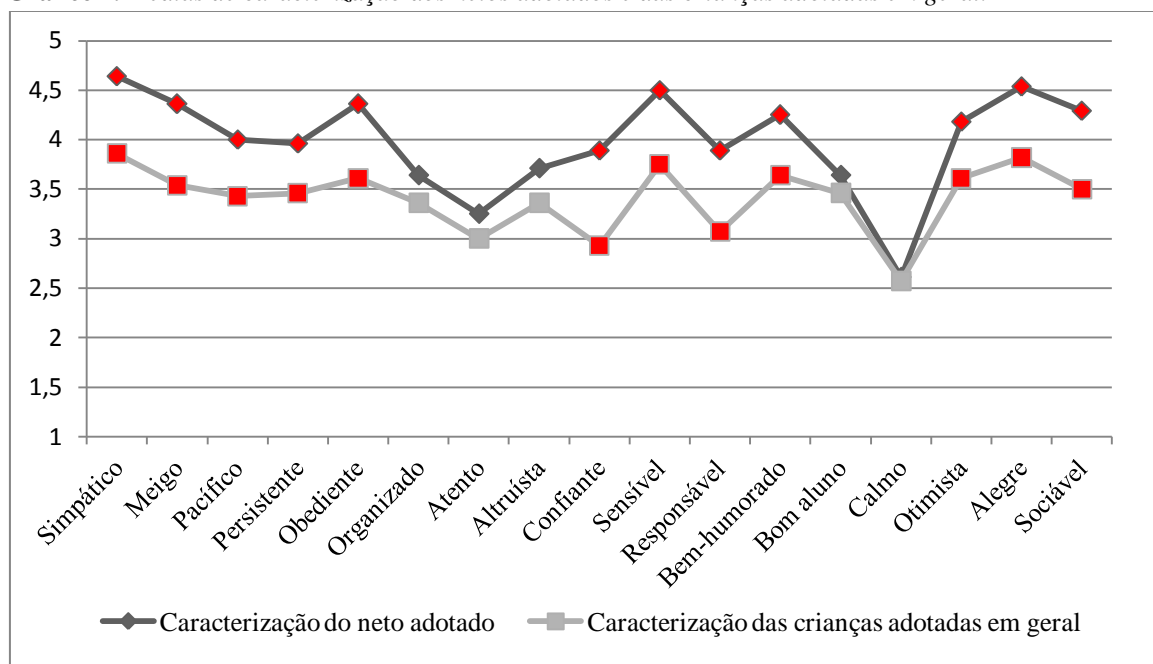
Para comparar as perceções dos avós acerca do seu neto adotado com o conceito genérico de criança adotada aplicaram-se os testes não-paramétrico *Wilcoxon* e paramétrico *t de Student*<sup>11</sup> para amostras emparelhadas, sendo que no gráfico 1 estão assinaladas as diferenças significativas que foram encontradas. Assim, verifica-se que o

---

<sup>11</sup> Tal como sugere Fife-Schaw (2006 cit in Martins, 2011), em caso de violação dos pressupostos para utilização de testes paramétricos (tal como acontece com as variáveis em estudo) o investigador deve executar os testes paramétricos e não-paramétricos equivalentes. Caso ambos os testes concordem, relatam-se os resultados dos testes paramétricos; caso haja discrepância de resultados, são reportados os testes não-paramétricos, uma vez que houve violação dos pressupostos necessários à utilização dos testes paramétricos (p. 240). Este foi o critério seguido nos resultados apresentados desta análise.

neto é caracterizado como significativamente mais simpático ( $p=.000$ ), mais meigo ( $p=.005$ ), mais pacífico ( $p=.028$ ), mais persistente ( $p=.034$ ), mais obediente ( $p=.002$ ), mais confiante ( $p=.001$ ), mais sensível ( $p=.000$ ), mais responsável ( $p=.006$ ), mais bem-humorado ( $p=.010$ ), mais otimista ( $p=.013$ ), mais alegre ( $p=.001$ ) e mais sociável ( $p=.004$ ) comparativamente com as crianças adotadas em geral.

**Gráfico 1.** Médias de caracterização dos netos adotados e das crianças adotadas em geral.



Nota: os pares assinalados a vermelho apresentam diferenças significativas entre si ( $p \leq .05$ ).

Acresce ainda que se verifica uma correlação positiva, fraca, significativa entre a *Percepção do Neto Adotado* e a dimensão associacional ( $r = .252$ ;  $p = .05$ ) e uma correlação positiva, moderada, significativa entre a mesma variável e a dimensão afetiva ( $r = .463$ ;  $p = .000$ ). Estes dados mostram que quanto mais positiva for a percepção do neto adotado, segundo a perspectiva dos avós, mais são as atividades partilhadas conjuntamente, maior é a frequência de contacto e, por fim, maior é a qualidade da relação em termos de proximidade emocional entre ambos. Ao passo que a variável da *Percepção da Criança Adotada* não apresenta nenhuma correlação estatisticamente significativa com as dimensões da relação avós-netos.



#### **4. Impacto de variáveis relativas à adoção na relação avós-netos adotados**

Para perceber o impacto de algumas variáveis relativas à adoção na relação avós-netos adotados, procederam-se a análises de correlação bivariada, correlacionando as diferentes dimensões da relação (associacional, funcional e afetiva) com diferentes variáveis intrinsecamente relacionadas com a adoção (*cf.* Anexo 1). De seguida, apresenta-se uma seleção de dados estatisticamente significativos que se considera serem pertinentes para este estudo e que estão relacionados com as vivências dos avós no processo de adoção e o seu impacto na relação com os netos adotados.

Antes de mais evidenciou-se uma correlação positiva, fraca, significativa da variável tempo de adoção com a dimensão funcional, ( $r = .278$ ;  $p = .040$ ), indicando que quanto maior for o tempo de adoção, maior o apoio e assistência entre gerações. Relativamente à importância dos primeiros contactos para a relação avós-netos adotados, pode adiantar-se que existe uma correlação positiva, forte, altamente significativa entre os pensamentos dos avós no primeiro contacto e a dimensão funcional ( $r = .517$ ;  $p = .000$ ). Além disso, verifica-se uma correlação positiva, moderada, significativa entre esses mesmos pensamentos e a dimensão afetiva ( $r = .334$ ;  $p = .010$ ). Estes dois dados indicam que quanto mais positivos forem os pensamentos dos avós acerca do neto nos primeiros contactos que mantiveram com ele, mais apoio, assistência, e mais proximidade emocional e afetiva sentem na relação. Constatou-se ainda uma correlação positiva, fraca, significativa entre os sentimentos nos primeiros contactos com o neto e a dimensão afetiva ( $r = .292$ ;  $p = .026$ ) que mostra que quanto mais positivos forem os sentimentos dos avós no primeiro contacto com o neto, mais próxima é a relação emocional entre estes dois intervenientes.

No que se refere a aspetos relativos ao comportamento do neto, verifica-se ainda uma correlação positiva, moderada, significativa entre o grau de afeto que o neto transmite à avó e a dimensão afetiva ( $r = .312$ ;  $p = .015$ ) e o grau de afeto que o neto transmite ao avô e a dimensão afetiva ( $r = .348$ ;  $p = .015$ ), ou seja, quanto mais afetuoso é o neto, na perspetiva da figura grã-parental, mais este refere ter uma relação emocionalmente próxima com o neto. Simultaneamente, é evidente uma correlação positiva, fraca, significativa entre o afeto manifestado pela avó e a dimensão associacional ( $r = .259$ ;  $p = .045$ ), demonstrando que quanto mais afetuoso é o neto com a avó, mais atividades realizam em conjunto e mais vezes contactam.

Por outro lado, ainda em relação ao neto, é importante relevar que quanto mais os avós consideram que o neto adotado está integrado na família, mais apoio e assistência dão e melhor é a relação descrita em termos emocionais, visto que se verifica uma correlação positiva, moderada, significativa entre esse aspeto e as dimensões funcional ( $r = .314$ ;  $p = .014$ ) e afetiva ( $r = .428$ ;  $p = .001$ ). Da mesma maneira, se verifica uma correlação positiva, moderada, significativa entre o nível de satisfação com as características do neto por parte do avô e dimensão afetiva ( $r = .335$ ;  $p = .008$ ), o que mostra que quanto mais satisfeitos os avós estão com o comportamento do neto, maior é a proximidade emocional entre ambos.

No que se refere às questões de comunicação sobre a adoção, realizou-se também uma análise a partir de uma correlação bivariada em que, uma vez que se encontrou uma correlação positiva, forte, significativa entre a frequência com que o avô fala com o neto sobre adoção e a dimensão funcional ( $r = .611$ ;  $p = .035$ ), se verificou que quanto mais vezes os avós falam com os netos adotados sobre adoção, mais apoio e assistência eles dão também. A acrescer a isso, a partir da realização do teste *t de Student* para amostras independentes, verificou-se que existem diferenças estatisticamente significativas na comparação das médias dos avós que falam com os filhos sobre a adoção depois do neto estar na família e os que não falam, na dimensão funcional ( $t_{(59)} = .004$ ;  $p = .009$ ) e na dimensão afetiva ( $t_{(40.097)} = 3.99$ ;  $p = .042$ ). Os avós que falam com o/a filho/a sobre adoção depois do neto estar na família manifestam médias significativamente superiores na dimensão funcional ( $M = 3.45$ ;  $DP = .608$ ) e afetiva ( $M = 4.86$ ;  $DP = .245$ ). Ou seja, verifica-se que os avós que falam sobre adoção com os pais dos netos, também são aqueles que dão mais apoio e assistência aos mesmos e revelam maior proximidade emocional na relação avós-netos.

No que concerne às variáveis do impacto da adoção na vida dos avós e seu posterior impacto na relação, pode adiantar-se que se verificou uma correlação positiva, fraca, significativa entre as mudanças pessoais no avô com a chegada do neto e a dimensão funcional ( $r = .294$ ;  $p = .021$ ), isto é, quanto maior for o apoio e assistência parental que os avós dão aos netos, maiores são as mudanças que percecionam em si próprios. A par disso, verificou-se uma correlação positiva, moderada, significativa entre as mudanças na vida social do avô com a chegada do neto e as dimensões associacional ( $r = .295$ ;  $p = .021$ ) e funcional ( $r = .438$ ;  $p = .000$ ), o que revela que quanto mais apoio, atividades partilhadas e frequência de contacto dos avós com os netos, maiores são as mudanças na vida social daqueles. Da mesma forma, quanto mais positiva é a repercussão da adoção na vida dos avós, mais eles apoiam os netos, pois verifica-se uma correlação positiva, moderada,

significativa entre essa variável e a dimensão funcional ( $r = .372$ ;  $p = .003$ ). Além disso, quanto mais os avós referem que a adoção lhes trouxe uma vida mais feliz, também aqui se sabe que eles dão mais apoio aos netos, pois verificou-se uma correlação positiva, fraca, significativa entre essa mesma variável e a dimensão funcional ( $r = .290$ ;  $p = .024$ ).

Por último, em relação a influências que os avós consideram ter impacto no comportamento da criança, verifica-se também uma correlação negativa, moderada, significativa entre a variável influência dos antecedentes genéticos no comportamento da criança com as dimensões associacional ( $r = -.314$ ;  $p = .014$ ) e afetiva ( $r = -.392$ ;  $p = .002$ ), o que significa que quanto mais os avós consideram que os antecedentes genéticos têm influência no comportamento dos netos adotados, menos atividades os avós realizam com os netos e menos envolvimento emocional demonstram. Acresce ainda que quanto mais os avós consideram que a criança se interessa pela sua vida anterior à adoção, maior será o apoio e assistência ao neto, visto que se evidencia uma correlação positiva, fraca, significativa entre o interesse da criança no passado e a dimensão funcional ( $r = .271$ ;  $p = .034$ ). Por outro lado, ao nível da influência dos amigos e do local de residência, verificou-se uma correlação positiva, fraca, significativa com a dimensão afetiva ( $r = .277$ ;  $p = .033$ ) que demonstra que quanto mais os avós consideram essa influência posterior à adoção, mais próximos emocionalmente se sentem dos seus netos adotados.

## **CAPÍTULO IV**

### **Discussão de resultados**

---

Antes de iniciar a discussão de resultados propriamente dita, não é demais sublinhar a pertinência do estudo da relação avós-netos em contexto de adoção, pois, de acordo com Palacios (2010), a aceitação da criança por parte de pessoas que assumem protagonismo na sua vida (como é o caso dos avós) é de grande relevância para os pais e para a própria criança. A relação avós-netos no caso das famílias convencionais tem vindo a ser alvo de um crescendo de reconhecimento positivo ao longo dos anos. No entanto, apesar de se saber que a investigação na área da adoção tem aumentado, a importância das gerações mais velhas para este processo continua a não ser tida em conta. Este constitui, portanto, o primeiro estudo, em contexto português, que se dedica a dar voz aos avós que pertencem a famílias adotivas, vindo assim sugerir alguns dados de carácter exploratório, que valorizam a perspectiva dos mais velhos, e que podem despertar interesse para futuras investigações acerca do seu envolvimento em todo o processo de integração de um novo elemento na família com a particularidade de não possuir laços genéticos comuns.

Esta investigação estuda uma das partes envolvidas nas relações intergeracionais, mais concretamente os avós, sendo que na perspectiva destes, a relação com o neto é caracterizada como bastante favorável em todas as dimensões (associacional, funcional e afetiva), destacando-se positivamente a ligação e a proximidade emocional sentida em relação aos seus netos. Este estudo transmite então uma imagem muito positiva da grã-parentalidade adotiva que vai de acordo ao que Fung et al. (2005) defendem acerca da grã-parentalidade nas famílias biológicas dizendo que ser avô é um meio privilegiado de satisfação interpessoal e afeto. Em conformidade com estes resultados, Soparkar (1998) encontra no seu estudo dados que assentam na qualidade da relação avós-netos adotados, designadamente o facto das atitudes das avós serem positivas perante a adoção e de todas as avós aceitarem e gostarem dos seus netos.

Na exploração do impacto que variáveis independentes relativas quer ao avô quer ao neto poderiam ter sobre a relação avós-netos, verifica-se que o sexo do avô, a idade do avô e do neto, a idade de adoção do neto, o estado civil, bem como o facto de os avós apenas terem netos adotados ou netos biológicos e adotados não determinam diferenças estatisticamente significativas nas dimensões que caracterizam a relação avós-netos. Pelo contrário, o sexo dos netos, a linhagem, a posição que o neto ocupa no conjunto de netos, o número de netos e o número de anos de estudo dos avós evidenciam-se como determinantes de diferenças nas dimensões consideradas. De seguida, os dados obtidos são confrontados com evidência empírica encontrada noutros estudos acerca da grã-parentalidade biológica.

Nesta investigação, verificou-se que o sexo do avô não tem impacto na relação que estabelece com o neto, o que vai de encontro aos resultados de Almeida (2008) no estudo com netos adolescentes que afirma que, independentemente do sexo, os avós obtêm significados positivos da grã-parentalidade e envolvem-se de igual forma na relação com os seus netos. Da mesma forma, Domingos (2008) mostra não haver diferenças de acordo com o sexo do avô ao passo que no estudo de Queirós (2005) se verificaram efeitos significativos do sexo do avô a favor das avós, nas dimensões associacional, afetiva e funcional. Outros estudos verificam ainda que o avô é mais distante na relação (Triadó et al., 2000) e que as avós mantêm relações mais íntimas e calorosas (Bernal & Anuncibay, 2008; Ferland, 2006; Triadó et al., 2000) e, por isso, assumem a existência de diferenças na relação consoante o sexo da figura grã-parental.

Por outro lado, no que se refere ao sexo do neto, no presente estudo verificou-se que é perante as netas que os avós afirmam ter maior proximidade emocional, sendo que curiosamente no estudo de Domingos (2008), que englobou a perspetiva dos netos, se verificou que as netas afirmam efetivamente maior proximidade emocional com os avós do que os netos. Bales (2002) também refere que as netas mais provavelmente desenvolvem um vínculo forte com os avós.

Neste estudo da relação avós-netos adotados, a linhagem materna distingue-se da linhagem paterna pela maior quantidade de atividades partilhadas e pela maior regularidade de contacto. Queirós (2005) verificou também que os avós maternos apresentam vantagem nas dimensões associacional e funcional relativamente aos avós de ascendência paterna, o que vai de encontro aos resultados obtidos, embora aqui a linhagem materna apenas apresente resultados superiores na dimensão associacional. Além disso, Domingos (2008) que também entrevistou netos usando o GESI-N (Guião de Entrevista de Solidariedade Intergeracional - Netos) que tem igualmente como matriz conceptual a TSFI, salienta que, na perspetiva dos netos, se verifica que eles afirmam partilhar mais atividades com os avós maternos. Este dado da perspetiva dos netos adolescentes biológicos coincide com os dados aqui encontrados na perspetiva dos avós para os seus netos adotados. Da mesma forma, Triadó et al. (2000) mostram que os avós paternos são figuras mais distantes comparativamente com os de linhagem materna.

Na relação entre avós e netos adotados, tanto a idade do avô como a idade do neto não mostram ter qualquer impacto. Apesar disso, a literatura embora sobre intervenientes unidos por uma ligação biológica, mostra que quanto mais novos são os avós, mais partilham atividades com regularidade, mais apoio e assistência dão aos netos (Domingos,

2008) e mais forte é o vínculo com os netos (Bales, 2002). Além disso, na literatura também existem vários autores (*e.g.* Bernal & Anuncibay, 2008; Geurts et al., 2009; Triadó et al., 2006) que identificam diferenças na relação provocadas pela fase de desenvolvimento do neto, isto é, pela sua idade, mas na relação avós-netos adotados não se verifica esse efeito. Poder-se-ia ainda pensar que as crianças adotadas mais cedo estabeleceriam uma maior ligação afetiva e de intimidade com os seus avós do que as crianças integradas em idades mais avançadas, porém a idade de adoção do neto não provoca variabilidade na relação, de acordo com a perspetiva dos avós.

O estado civil dos avós parece não ter impacto na relação avós-netos adotados, apesar de Araújo e Dias (2002) mostrarem diferenças consoante o facto de os avós serem casados ou terem outros estados civis. Ressalve-se, contudo, que no presente estudo os avós casados estão sobrerrepresentados (cerca de 84%).

A posição que o neto ocupa no conjunto total dos netos, ou seja, a quantidade de netos prévios à chegada do neto adotado, mostra ter impacto na relação. Os avós que já tinham quatro ou mais netos prévios ao adotado estão menos frequentemente com o neto e realizam menos atividades em conjunto. Neste estudo, verificou-se ainda que quanto menos netos o avô tiver, mais são os contactos com o neto e as atividades partilhadas entre o avô e o neto adotado, e maior apoio e assistência é dado a este neto em particular. Da mesma forma, Queirós (2005) demonstra que os avós que têm entre três ou quatro netos dão mais apoio e assistência aos netos comparativamente com aqueles que têm cinco ou seis netos. Talvez este dado se deva ao facto de o número de netos limitar a quantidade de atenção prestada a cada um, tal como indicam King et al. (1998) ao estudar a relação avós-netos biológicos.

Além disso, verificou-se que não há diferenças significativas na relação, na comparação entre avós que apenas têm netos adotados e avós que têm netos adotados e biológicos. Aliás, os próprios avós, quando questionados diretamente, demonstram na generalidade não fazer distinção entre os netos biológicos e os adotados e afirmam não fazer distinção entre a sua família e as famílias convencionais. Pitcher (2009) e Degani et al. (2007) já apontavam que progressivamente os avós sentem o neto cada vez mais integrado na família e, portanto, mais pertencente à mesma. No entanto, de acordo com Ferland (2006), poderia supor-se que os avós com famílias mistas mantivessem uma relação menos favorável com os seus netos adotados especificamente devido à ausência de laços biológicos que, por vezes, causa rejeição por parte das gerações mais velhas. Neste estudo, tal não se verifica.

No que se refere aos anos de estudo dos avós, note-se que os avós que têm mais habilitações literárias prestam mais apoio e assistência aos netos adotados. Em oposição, os estudos de Queirós (2005) e Domingos (2008) mostram não existir qualquer influência das habilitações literárias na relação entre avós e netos. A literatura não apresenta dados que suportem o resultado deste estudo, mas aqui pode levantar-se a hipótese de que, se as habilitações literárias forem sinónimo de um emprego de melhor qualidade, mais são as possibilidades dos avós para ajudar a família. Acresce ainda que, por exemplo, os avós com mais habilitações literárias estão mais disponíveis e mais preparados para ajudar os netos nos trabalhos de casa e estão mais sensíveis a participar em outras atividades da escola. Estes são exemplos de itens da dimensão funcional na qual estes avós obtêm valores mais elevados.

Quando comparamos a relação avós-netos adotados, de idade escolar e adolescência, com o estudo da relação avós-netos da mesma idade, mas com ligação biológica, verifica-se que há diferenças obtendo-se valores mais elevados nas dimensões da relação entre avós e netos adotados do que entre avós e netos biológicos. Constatase que, na perspetiva dos avós, o padrão da relação estabelecido com netos, biológicos e adotados, de idade escolar é comum, isto é, a natureza da relação é a mesma, embora em contexto de família adotiva a relação seja vivida com mais intensidade. Por outro lado, na adolescência, verificam-se alterações no padrão da relação ao comparar netos adotados e biológicos. A dimensão afetiva é a principal caracterizadora da relação em ambos os casos, porém na relação avós-netos adotados, a dimensão associacional é tão importante como a dimensão funcional enquanto na relação avós-netos biológicos, a dimensão funcional apresenta alguma superioridade em relação à dimensão associacional. Uma primeira hipótese explicativa da diferença da natureza da relação na adolescência pode dever-se à grande diferença de médias de idades entre o presente estudo e o estudo de Domingos (2008) que pode condicionar a alteração do padrão relacional. Uma segunda hipótese explicativa pode dever-se à necessidade de proximidade entre avós e netos adotados nesta fase da adolescência tão importante na construção de identidade.

Como defende Ferland (2006), os avós representam a história e a linhagem familiar, sendo uma das figuras chave em transmitir aos netos os sentimentos de filiação e de pertença à família, por isso, pode considerar-se que, nesta fase de questionamento e de definição de identidade por parte do adolescente adotado, tanto a partilha de atividades e o contacto regular com os seus avós como o apoio recebido deles sejam igualmente importantes para obter alguma segurança na integração da sua história individual marcada



pela perda da família biológica e pela posterior integração numa nova família com a qual não partilha laços genéticos. Aliás, os netos adolescentes consideram os avós como uma aliança confiável (Ranst et al., 1995) e como elementos familiares mais experientes (Dias & Silva, 2003) com os quais se sentem capazes de fazer uma pergunta ou pedir um conselho (Bernal & Anuncibay, 2008), podendo depreender-se então que a aproximação aos avós, através de um maior número de atividades partilhadas e de um maior apoio recebido, é ainda mais importante para os netos adolescentes que são adotados.

De qualquer forma, a relação avós-netos adotados é sempre caracterizada de forma mais positiva comparativamente com a relação avós-netos biológicos, sendo que estes resultados mais positivos podem dever-se ao facto do neto adotado ser um elemento da família mais desejado do que o habitual. Como mostra a literatura, a grande maioria das famílias opta pela adoção devido a problemas de fertilidade (*e.g.* Ferland, 2006; Palacios, 2010) e, no caso das famílias participantes neste estudo, o mesmo sucede, por isso, são famílias que geralmente acumulam uma história de algum sofrimento pela incapacidade de procriar. A chegada da criança adotada representa portanto uma fonte de felicidade inigualável que pode ser responsável por uma relação descrita como muito positiva pelos avós. Segundo Dias et al. (2010), referindo-se à relação avós-netos biológicos, o vínculo dos avós com os seus netos é tão particular que os avós tendem até a idealizá-los. Nas famílias adotivas, provavelmente o que sucede é um desejo ainda maior de ter uma criança em que de facto a característica de uma relação idealizada se adequa com mais propriedade.

Refira-se ainda que o conservadorismo relativamente à importância dos laços biológicos (Kline et al., 2006; March 1995; Miall, 1987; Wegar, 2000) que se poderia supor estar mais enraizado nas gerações mais velhas pelas suas características de defesa da tradição e de honra da linhagem, neste estudo não se verifica, pois é inquestionável uma aceitação total do neto na família.

Neste estudo também se abordaram, ainda que de forma pouco aprofundada, as fontes de informação dos avós acerca do tema da adoção e as suas representações acerca do mesmo, pois pretendia-se perceber o impacto destas variáveis na relação avós-netos adotados, despertando para o interesse e relevância do seu estudo em eventuais futuras investigações. Tal como mostra a literatura (*e.g.* March, 1995; Miall, 1987) existem fortes estigmas associados à adoção, emergindo a necessidade de estudar a presença ou ausência desses mesmos estigmas, em contexto familiar, e de que forma têm impacto na relação estabelecida com o elemento adotado.

Verificou-se que, segundo os avós, a televisão constitui a principal informante acerca da adoção, mas é a família que constitui a fonte mais credível de informação e que transmite uma imagem mais positiva acerca do mesmo tema. De facto, de acordo com Waggenspack (1998), são precisamente os *mass media* que constituem os principais veículos de informação acerca da adoção, sendo que em regra estimulam a construção de crenças estigmatizantes. No entanto, neste estudo verifica-se que quantitativamente a televisão transmite mais informação, mas esta não adquire um grande relevo visto que qualitativamente são as informações que surgem no seio da família que adquirem mais realismo e um carácter mais positivo.

No caso das vinhetas de identificação das crianças adotadas com uma das personagens que desempenha um comportamento positivo ou negativo, verificou-se que na generalidade os avós não têm representações negativas da adoção. Mostram-se, em regra, incapazes de enquadrar as crianças adotadas num desses comportamentos, alegando que a adoção não implica que a criança seja melhor comportada ou pior comportada. Estes resultados vão contra a literatura que reforça o pendor estigmatizante através do qual a adoção é vista (*e.g.* Kline et al., 2006; Miall, 1987), sendo que esta oposição pode dever-se ao facto destes avós vivenciarem a adoção no seio da própria família e assumirem uma perspetiva mais realista deste processo.

Veja-se ainda que comparando a caracterização do próprio neto com as restantes crianças adotadas, aquele apresenta claramente valores superiores, sendo que em muitos casos os avós recusaram caracterizar as crianças adotadas em geral por não conseguirem descentrar-se das vivências com o próprio neto. Além disso, verifica-se que a perceção que os avós têm do seu próprio neto se correlaciona positivamente com duas dimensões da relação – dimensão associacional e afetiva – ao contrário da perceção que os avós têm acerca das crianças adotadas em geral, que não apresenta qualquer correlação significativa com as dimensões da relação avós-netos.

Apesar de não haver literatura científica que explique estes resultados anteriormente descritos, parece-nos existir argumentos suficientes que justificam que os avós se centram muito nas suas experiências e nas suas vivências como família adotiva, considerando-se portanto que são essas vivências particulares entre avós e netos adotados que condicionam a construção do conceito de adoção e têm impacto na relação. Ao contrário do que se poderia esperar, os mitos e estigmas provenientes de outros meios de informação não parecem influenciar os avós nas suas representações e na sua relação com o neto.

Apenas dois dados encontrados neste estudo podem considerar-se como adversos a esta explicação. Primeiro, o facto de, quando questionados diretamente, os avós afirmarem que o seu conceito de adoção não mudou pela vivência dessa experiência na família. Mas, uma vez que os dados demonstram que os avós não são influenciados pelos estigmas sociais negativos que pairam sobre a adoção, tal como demonstra a literatura (*e.g.* Kline et al., 2006; Miall, 1987), e que a família é a fonte de informação mais credível e mais positiva, parece-nos plausível considerar que as vivências dos avós moldam as suas opiniões e significados acerca da adoção embora de uma forma pouco consciente. Ou será que este dado se deve apenas a uma atitude de desejabilidade social, sendo os avós incapazes de admitir eventuais representações negativas acerca da adoção antes da vivência da mesma na família?

Segundo, quanto maior é a perceção dos avós da ligação afetiva aos seus netos, mais eles consideram a informação transmitida pela televisão como congruente com a realidade, o que vem reforçar o peso dos *mass media* na relação. No entanto, verifique-se que, contrariamente ao que vem referido na literatura em que se defende que os *mass media* contribuem para a construção de mitos estigmatizantes (Kirk, 1964 *cit in* Kline et al., 2006), neste estudo a influência é positiva, o que pode deixar-nos pensar que a permeabilidade dos avós a essas influências ocorre apenas devido ao seu pendor positivo.

No que diz respeito à influência da adoção na relação estabelecida entre avós e netos, saliente-se que o tempo a que a criança está já integrada na família adotiva é importante, pois quanto maior é a quantidade de tempo de integração, mais os avós dão apoio à família. Aliás, segundo Pitcher (2009), a proximidade da relação avós-netos adotados surge progressivamente ao longo do tempo e não de forma imediata como no caso da parentalidade biológica.

Os avós associam sentimentos e pensamentos muito positivos ao momento da notícia de que o seu/sua filho/a tomou a decisão de adotar, sendo que, no primeiro contacto com o neto, os pensamentos e sentimentos são igualmente positivos. Quanto mais positivos estes são, maior é a ligação emocional dos avós com os netos, ilustrando-se aqui a importância dos primeiros contactos com o neto adotado para a relação futura. Da mesma forma, os avós do estudo de Pitcher (2009) descreviam criteriosamente e com entusiasmo esse primeiro encontro, mostrando o forte impacto que este primeiro contacto com o neto assume neles próprios.

Por outro lado, na perspetiva dos avós, verifica-se que os netos são muito afetuosos quer com o avô quer com a avó. Quanto maior é o afeto pelo avô e pela avó, maior é a

ligação emocional sentida na relação e quanto maior é o afeto em particular pela avó, mais frequentes são os contactos e as atividades partilhadas entre avós e netos. Tal mostra claramente que esta é uma relação bidirecional em que aquilo que o neto oferece ao avô é valorizado e tem reflexos na relação estabelecida. Os avós mostram-se ainda muito satisfeitos com as características dos netos e consideram que estes são muito felizes e demonstram uma quase total integração na família. Verifica-se que quanto maior é esta integração do neto e a satisfação com o mesmo, maior é a proximidade emocional, de acordo com a perspetiva dos avós.

Relativamente à comunicação, saliente-se que os avós pouco falam com os seus netos acerca da adoção. Contudo, este estudo mostra que quanto mais os avós comunicam acerca da adoção, mais apoio e assistência dão aos netos. Isto pode justificar-se pelo facto de aqueles avós que não se coíbem de falar com os netos acerca da adoção, serem aqueles que mais acompanham as suas necessidades e, por isso, mais os apoiam e melhores condições reúnem para abordar estas questões num clima de afetividade positiva. Na mesma sequência, apesar de poucos avós falarem com o/a seu/sua filho/a acerca da adoção depois do neto estar na família, este estudo vem mostrar que quando esta comunicação existe entre os avós e os pais da criança, mais apoio e assistência é dado pelos avós e mais ligação emocional sentem. Estes dados ilustram claramente os ganhos mútuos e a importância de uma comunicação aberta acerca da adoção entre avós, pais e criança.

Quando os avós são questionados sobre as mudanças que a chegada do neto provocou na sua forma de ser e na sua vida social, constata-se que quase não ocorrem mudanças. No entanto, verifica-se que quanto mais mudanças eles sentem, melhor é a relação tendo em conta as dimensões funcional e associacional. Talvez este resultado se deva ao facto de alguns avós passarem a ter a função de cuidar dos netos ou de auxiliar nas tarefas de cuidado e de outros avós passarem por vezes a visitar mais o/a filho/a ou a receber mais visitas deste/a visto o neto constituir mais um elo de ligação. Além disso, constata-se uma repercussão muito positiva da adoção na vida dos avós e uma grande felicidade proporcionada, sendo que quanto melhor é a avaliação destas duas variáveis, maiores são o apoio e assistência concedidos por eles.

Estes avós creem ainda que os antecedentes genéticos têm pouco impacto no comportamento da criança adotada, verificando-se que quanto mais os avós valorizam a dimensão associacional e afetiva da relação, menos os aspetos genéticos são considerados como determinantes. Em contraste, os avós consideram que são as experiências na família adotiva que mais influenciam o comportamento atual da criança imediatamente seguidas

das experiências de outros microssistemas na rede social da família (amigos, vizinhos). Além disso, quanto mais reconhecida pelos avós é esta influência dos amigos e local de residência, mais os avós sentem a relação como calorosa em termos afetivos. Estes dados mostram que os avós reconhecem e valorizam as influências das experiências pós-adoção no comportamento da criança e a identificação da criança com a nova vida em detrimento dos aspetos que a unem a uma família biológica.

Por outro lado, é curioso destacar que quanto mais os avós percebem que a criança se interessa pela sua vida anterior à adoção, mais prontos estão a apoiar o neto. Degani et al. (2007) já demonstravam que no último estágio identificado pelo seu estudo, apesar de os avós considerarem o neto como um elemento inseparável da família, manifestavam a preocupação de este querer saber detalhes acerca da sua família biológica. De forma coincidente com este dado, o presente estudo mostra a sensibilidade dos avós para este facto e a sua disponibilidade para apoiar o neto.

Com efeito, depreende-se que as vivências dos avós acerca da adoção e a relação que estabelecem com os seus netos são bastante positivas, sendo de salientar que o seu envolvimento em todo o processo tem impacto ao nível da relação que estabelecem com o neto. Tal demonstra-se, por exemplo, pelo facto dos primeiros contactos com o neto e da comunicação com o mesmo sobre adoção serem variáveis que influenciam a qualidade da relação a ser construída entre ambos.

Em síntese, tendo em conta as vivências positivas dos avós relativas à adoção e o impacto dessas mesmas na relação construída com os seus netos adotados, pode afirmar-se que, tal como defendem Pitcher (2009) e Soparkar (1998), o envolvimento dos avós desde cedo no processo de adoção é benéfico para todos os intervenientes envolvidos. Do ponto de vista dos netos adotados, o envolvimento dos seus avós é sentido como uma forma de estarem mais integrados na família. Da mesma maneira, os pais sentem-se menos tensos quando ocorre a aceitação do seu filho por parte das gerações mais velhas (Pitcher, 2009). Urge portanto alertar os profissionais de adoção e os pais adotivos para a importância da abertura para o envolvimento dos avós em todo o processo, pois estes são figuras chave no bem-estar de toda a família, apoiando no acolhimento e integração de um novo membro da família cuja história não começa do zero à data de adoção, mas já possui um percurso mais ou menos longo de adversidade precoce, cuja recuperação se pretende que seja possível desde o momento de integração na família.

## CAPÍTULO V

### Conclusões

---

O estudo da relação avós-netos adotados constitui uma mais-valia para o aprofundar do conhecimento do funcionamento da família, essencial para que a adoção desempenhe plenamente o seu papel na recuperação da adversidade precoce vivida pela criança que é encaminhada para a adoção. O padrão de relações encontrado entre as dimensões que definem a relação avós-netos, na perspectiva dos avós, evidencia a disponibilidade emocional dos mesmos para se envolverem no projeto familiar da adoção, funcionando eles como figuras que dão continuidade geracional e, portanto, como figuras de referência na complexa tarefa de integração da criança na nova família.

Desta forma, como conclusões essenciais deste estudo apontam-se as seguintes:

1. A relação avós-netos adotados é caracterizada como muito positiva, na perspectiva dos avós, sendo que se destaca a dimensão afetiva comparativamente com as dimensões associacional e funcional, o que ilustra a forte ligação emocional dos avós com os seus netos;
2. Na relação avós-netos adotados, segundo os avós, verifica-se que a linhagem materna, o maior número de anos de estudo dos avós, o neto ser do sexo feminino, o neto pertencer a um pequeno grupo de netos e ter sido dos primeiros a surgir no grupo total de netos são fatores determinantes de maior intensidade nalgumas dimensões da relação;
3. Nas famílias adotivas, a relação avós-netos, de idade escolar e adolescência, é sempre caracterizada de forma mais positiva comparativamente com a relação avós-netos, nas mesmas faixas etárias, em famílias convencionais. Verifica-se que a natureza da relação entre avós-netos adotados em idade escolar é a mesma comparativamente com a relação avós-netos biológicos e que os avós de adolescentes em famílias convencionais e adotivas valorizam sobretudo a dimensão afetiva da relação. No entanto, nesta faixa etária, na relação avós-netos adotados a dimensão associacional e a funcional assumem igual protagonismo, o que remete para a possibilidade da realização de atividades conjuntas e o apoio recebido na relação avós-netos, em famílias adotivas, responderem com igual peso a uma necessidade acrescida dos adolescentes adotados usarem como fonte de segurança a proximidade aos avós;
4. Para a construção do conceito de adoção, por parte dos avós, é mais importante a relação particular estabelecida entre a figura grã-parental e o neto adotado, isto é, as vivências de adoção na família, do que a informação proveniente de diferentes meios acerca da mesma temática;

5. Os avós são parte integrante da família adotiva, cuja aceitação plena dos netos adotados se reflete numa relação ilustrada como muito positiva, evocando o papel fulcral que podem desempenhar no processo particular de aceitação e integração de uma criança sem ligações genéticas à família;
6. O envolvimento dos avós no processo de adoção tem impacto na relação construída com o neto adotado, sendo importante tomá-los em consideração desde os primeiros passos dados pelos pais adotantes na adoção.

Apesar da relevância destas conclusões, não deixa de ser necessário apontar que este estudo apresenta algumas limitações e que seria de grande interesse aperfeiçoar, aprofundar e alargar a investigação acerca da relação avós-netos adotados.

Como foi referido anteriormente, este estudo é constituído por uma amostra de conveniência uma vez que, para contactar os avós das famílias adotivas, primeiro procedeu-se a um contacto com os pais do projeto IPA (Barbosa-Ducharne & colaboradores IPA, 2011) e, apenas depois de obtida a autorização, foram solicitados os avós. Tal constitui *a priori* uma seleção da amostra que escapa ao controlo dos investigadores. No momento de contacto com os pais, houve algumas recusas por parte dos mesmos em contactar os avós por múltiplos motivos e pode aqui especular-se que talvez não constem da amostra sujeitos cuja relação com o neto e representações acerca da adoção sejam menos favoráveis.

Ainda acerca do grupo de participantes levantam-se algumas questões devido à dimensão do mesmo no que toca ao número total de participantes (61) e às análises por faixa etária do neto. O número de participantes é reduzido no total da amostra, sendo que há 16 avós de crianças em idade pré-escolar, 24 avós de crianças em idade escolar e 21 avós de adolescentes. Seria desejável e metodologicamente mais correto que o número de participantes, tendo em conta a idade do neto, fosse superior.

No mesmo sentido, nas análises referentes à variável *Perceção da Criança Adotada*, apenas constam 28 participantes, sendo que da mesma forma o desejável seria obter o maior número de participantes a responder. Este valor reduzido de respostas deve-se ao facto de 33 dos avós não responderem por argumentarem não conhecer outras crianças adotadas ou por não conseguirem descentrar-se das características do próprio neto.

Quanto ao instrumento, é também importante fazer algumas reflexões. A EAPA foi um instrumento desenvolvido no contexto desta investigação com o objetivo de obter uma visão abrangente sobre as vivências e representações dos avós acerca da adoção e da sua relação com os netos adotados. No entanto, é uma entrevista longa, de aplicação demorada,



sendo de salientar a disponibilidade de todos os participantes e a sua prontidão para responder a alguns aspetos sensíveis e íntimos do processo de adoção.

Além disso, ao longo das entrevistas facilmente se percebeu que a escala de *Lickert* de 5/6 pontos foi de difícil compreensão por parte de alguns avós sobretudo porque apenas nos extremos está designado o significado de cada ponto (por exemplo, 1 significa muito negativa e 6 muito positiva, sendo que os restantes pontos não têm designação). Esta dificuldade de apreensão da escala pode dever-se às baixas habilitações literárias dos participantes, uma vez que os avós com mais anos de estudo facilmente a compreendiam e a aplicavam. Assim, como forma de adaptar o instrumento às características atuais das gerações mais velhas, sugere-se que a cada ponto da escala esteja inerente uma designação. Como forma de evitar que a incompreensão da escala provocasse um viés, as duas investigadoras combinaram uma estratégia partilhada de especificação da mesma.

Ainda no que diz respeito à escala, verificou-se também que as respostas dos sujeitos são muito polarizadas, isto é, em vários itens as médias obtidas aproximam-se dos extremos da escala. Tal facto pode dever-se ao processo de seleção dos avós através dos pais que já eram participantes do projeto IPA (Barbosa-Ducharme & colaboradores IPA, 2011) que, como se disse anteriormente, pode ter condicionado positivamente as respostas.

Acresce ainda que deveriam ter sido recolhidas mais informações genéricas acerca dos avós, pois a literatura mostra que podem interferir na relação variáveis como a distância geográfica e o estado de saúde dos mesmos. Seria também interessante que no instrumento constassem itens de avaliação da relação dos avós com o/a filho/a para perceber o impacto da relação com a geração intermédia, na relação avós-netos.

No que se refere à segunda parte da EAPA, dedicada especificamente a perceber as representações dos avós acerca do processo de adoção e da criança adotada, convém sublinhar que não era objetivo prioritário desta dissertação documentar representações dos avós acerca da adoção, mas sim obter dados que pudessem contribuir para a compreensão do modo como os avós vivenciam a adoção, assumindo um processo interativo entre a construção destas representações e o envolvimento no processo de adoção do neto. Em futuros estudos, seria interessante comparar as representações acerca da adoção na perspetiva de avós de netos adotados e de netos biológicos para se perceber se de facto a vivência da adoção acentua ou atenua representações positivas ou negativas sobre o tema.

Por fim, relativamente à quarta parte da EAPA que resulta da adaptação do GESI-A, mais uma vez se confirma a sensibilidade deste último visto que Queirós (2005) e Domingos (2008) já o apontavam como um promissor instrumento para avaliar a relação

avós-netos. Cada item do instrumento insere-se numa determinada dimensão e, após uma análise de conteúdo de alguns itens, considera-se que eventualmente alguns se enquadrariam melhor noutras dimensões. Por exemplo, *demonstra-lhe afeto (beijos, abraços)* e *diz-lhe que gosta dele* em vez de constarem na dimensão funcional deveriam constar na dimensão afetiva. Esta mesma observação consta em Queirós (2005) e em Domingos (2008). Impor-se-ia então um estudo de componentes principais no sentido de identificar as dimensões presentes na relação intergeracional avós-netos, mas o número elevado de itens que constituem o GESI-A e o número reduzido de participantes no presente estudo inviabiliza uma análise exploratória nesse sentido.

Refira-se ainda que seria de grande interesse envolver diretamente nesta investigação pais e netos. Relativamente aos netos, seria importante conhecer a sua opinião em relação ao tipo e qualidade do envolvimento dos avós no seu processo de integração na família. A par disso, poder-se-ia adaptar o GESI-N que caracteriza a relação, na perspetiva do neto, de acordo com as dimensões utilizadas no presente estudo. Tal permitiria a realização de um estudo compreensivo entre as perspetivas de avós e netos e, portanto, ter um olhar mais aprofundado da relação. Por outro lado, com os pais seria interessante perceber qual o relevo que atribuem aos avós no processo de adoção e qual a caracterização que fazem da relação das gerações mais velhas com os netos adotados. Por último, uma vez que se pode levantar a hipótese de alguma desejabilidade social presente nas respostas dos avós, a consideração da perspetiva de outros intervenientes envolvidos na relação poderia ser um meio de averiguar o significado e ocorrência desse tipo de postura.

Considera-se ainda que este estudo tem algumas implicações diretas para a prática, desde logo, na importância do envolvimento dos avós em todo o processo de adoção. Além disso, tendo em conta que em contexto nacional existem atualmente formações de preparação para a adoção e que seria utópico ponderar a existência de formação para a grã-parentalidade adotiva, seria então de grande interesse trabalhar as dinâmicas familiares intergeracionais na preparação dos pais para a parentalidade adotiva. Contudo, previamente a este trabalho com os pais, é necessário alertar os profissionais na área da adoção para a importância das relações intergeracionais na integração da criança adotada.

A título de remate final deste estudo, urge afirmar que os dados aqui encontrados *levantam a ponta do véu* para que se progrida no estudo da relação entre avós e netos em famílias adotivas, demonstrando que as gerações mais velhas podem ser um recurso precioso (mas até aqui desvalorizado) em todo o processo de adoção que é duradouro e exige constantes redefinições no seio do contexto familiar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- Aldous, J. (1995). New Views of Grandparents in Intergenerational Context. *Journal of Family Issues*, 16, 104-122.
- Almeida, A. S. F. (2008). *Relações intergeracionais: significados da relação netos-avós e crenças acerca dos adolescentes: a perspectiva dos avós*. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia, não publicada. Porto: FPCEUP.
- Almeida, L. S. & Freire, T. (2000). *Metodologia da investigação em psicologia e educação* (2ª ed.). Braga: Psiquilíbrios.
- Araújo, M. R. & Dias, C. M. (2002). Papel dos avós: apoio oferecido aos netos antes e após situações de separação/divórcio dos pais. *Estudos de Psicologia*, 71, 91-101.
- Bales, S. S. (2002). *The relation between the grandparent-grandchild bond and children's views of themselves and the grandparents*. Dissertação de Doutoramento. Indiana University.
- Barbosa-Ducharne, M. & colaboradores do IPA (2011). *Investigação sobre Processo de Adoção: Primeiros resultados*. Relatório preliminar de resultados em versão digital. Porto: FPCEUP.
- Barbosa-Ducharne, M. & Domingos, T. (2008). *Guião de Entrevista de Solidariedade Intergeracional: versão avós*. Policopiado. Versão para investigação. Porto: FPCEUP.
- Barbosa-Ducharne, M., Monteiro, A. & Barroso, R. (2011). *Entrevista a Avós sobre o Processo de adoção*. Policopiado. Versão para Investigação. Porto: FPCEUP.
- Barbosa-Ducharne, M., Moreira, A., Ferreira da Silva, A., Monteiro, J., & Soares, J. (2009). *EPA-Portuguesa. Entrevista sobre o Processo de Adopção. Versão para investigação*. Porto: FPCEUP.
- Barbosa, M. A. & Queirós, I. M. (2004). Natureza e qualidade das relações avós-netos. In C. Machado, M. Gonçalves, L. Almeida, & V. Ramalho (Eds.), *Avaliação psicológica: Formas e Contextos, Vol X* (pp. 98-103). Braga: Psiquilíbrios.
- Barbosa-Ducharne, M. & Queirós, I. (2005). *Guião de Entrevista de Solidariedade Intergeracional: versão avós*. Policopiado. Versão para investigação. Porto: FPCEUP.
- Barranti, C. C. (1985). The grandparent-grandchild relationship: family resource in an era of voluntary bounds. *Family Relations*, 34, 343-352.
- Barroso, R. (2011). *Perspetiva intergeracional do processo de adoção. Cadeias intergeracionais da comunicação sobre a adoção: avós, pais e netos. Estudo exploratório*. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia, não publicada. Porto: FPCEUP.
- Bengtson, V. L. (1985). Diversity and symbolism in grandparental role. In V. L. Bengtson & J. E. Robertson (Eds), *Grandparenthood* (pp. 11-25). Beverly Hills, California: Sage.
- Bengtson, V. L. & Roberts, R. E. L. (1991). Intergenerational solidarity an aging in families: An example of formal theory construction. *Journal of Marriage and the Family*, 53, 856-870.
- Bernal, J. & Anuncibay, R. (2008). Intergenerational grandparent/grandchild relations: the socioeducational role of grandparents. *Educational Gerontology*, 34, 67-88.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U. & Morris, P. (1998). The bioecological model of human development. In W. Damon & M. Lerner (Eds.). *Handbook of child psychology. Vol 1.* (pp. 793-828).
- Cherlin, A. J. & Furstenberg, F. F. (1986). *The new American grandparent*. New York: Basic Books.

- Código Civil (2010). Verbo Jurídico. Decreto-Lei N° 47 344, de 25 de Novembro de 1966 (Atualizado até à Lei n.º 103/2009 de 11.09).
- Correia, P. S. S. (2007). Velhos são os trapos: mito ou realidade?. Acedido a 21 de Agosto de 2011 em [http://www.psicologia.pt/artigos/ver\\_artigo.php?codigo=A0340](http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0340)
- Creasey, G. L. & Koblewski, P. J. (1991). Adolescent grandchildren's relationships with maternal and paternal grandmothers and grandfathers. *Journal of Adolescents*, 14, 373-387.
- Cunha, B. & Matos, P. M. (2010). Relações intergeracionais: significados de adolescentes sobre avós e idosos. *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*. Braga: Universidade do Minho, pp. 1038-1052.
- Degani, N., Lowenstein, A. & Buchbinder, E. (2007). Grandparents relate to adopted grandchildren the same as biological. Acedido a 25 de Agosto de 2011 em <http://seniorjournal.com/NEWS/Grandparents/2007/7-04-16-GrandparentsRelate.htm>
- Dias, C. M., Hora, F. F. & Aguiar, A. G. (2010). Jovens criados por avós e por um ou ambos os pais. *Psicologia: Teoria e Prática*, 12, 188-199.
- Dias, C. M. & Silva, M. A. (2003). Os avós na perspectiva de jovens universitários. *Psicologia em estudo*, 8, 55-62.
- Domingos, T. A. P. (2008). *Grandparentalidade: estudo exploratório com os avós e netos adolescentes*. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia, não publicada. Porto: FPCEUP.
- Ferland, F. (2006). *Os avós nos dias de hoje: prazeres e armadilhas*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Fingerman, K. L. (1998). The good, the bad, and the worrisome: Emotional complexities in grandparents' experiences with individual grandchildren. *Family Relations*, 47, 403-414.
- Fung, H., Siu, C., Choy, W. & McBride-Chang, C. (2005). Meaning of Grandparenthood: do concerns about time and mortality matter? *Ageing International*, 30, 122-146.
- Geurts, T., Poortman, A., Tilburg, T. & Dykstra, P. (2009). Contact between grandchildren and their grandparents in early adulthood. *Journal of Family Issues*, 30, 1698-1713.
- Hagestad, G. O. & Burton, L. M. (1986). Grandparenthood, life context, and family development. *American Behavioral Scientist*, 29, 471-483.
- Hammarström, G. (2005). The construct of intergenerational solidarity in a lineage perspective: A discussion on underlying theoretical assumptions. *Journal of Aging Studies*, 19, 33-51.
- Hoff, A. (2007). Functional solidarity between grandparents and grandchildren in Germany. Acedido a 23 de Junho de 2011 em [http://www.ageing.ox.ac.uk/system/files/workingpaper\\_307.pdf](http://www.ageing.ox.ac.uk/system/files/workingpaper_307.pdf)
- King, V., Russell, S. T. & Elder, G. H. (1998). Grandparenting in family systems: An ecological perspective. In M. E. Szinovacz (Ed.), *Handbook on Grandparenthood*, (pp. 53-69). Westport: Greenwood Press.
- Kivnick, H. Q. (1983). Dimensions of grandparenthood meaning: Deductive conceptualization and empirical derivation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44, 1056-1068.
- Kline, S. L., Karel, A. I. & Chatterjee, K. (2006). Covering adoption: General depictions in broadcast news. *Family Relations*, 55, 487-498.
- Krasnova, O. (2002). Grandmothers in the Family. *Sociological Research*, 41, 81-96.
- Lussier, G., Deater-Deckard, K., Dunn, J., & Davies, L. (2002). Support across two generations: Children's closeness to grandparents following parental divorce and remarriage. *Journal of Family Psychology*, 16, 363-376.

- March, K. (1995). Perception of adoption as social stigma: Motivation for search and reunion. *Journal of Marriage and the family*, 57, 653-660.
- Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS. Saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Braga: Psiquilibrios.
- Mascarenhas, M. & Alarcão, M. (2003). Famílias adoptivas e processo de adopção. In C. Machado, R. Gonçalves, *Violência e vítimas de crimes* (2.<sup>a</sup> ed.) (pp. 229-274). Coimbra: Quarteto Editora.
- Mason, J., May, V. & Clarke, L. (2007). Ambivalence and the paradoxes of grandparenting. *The Sociological Review*, 55, 687-706.
- Miall, C. E. (1987). The stigma of adoptive parent status: Perceptions of community attitudes toward adoption and the experience of informal social sanctioning. *Family Relations*, 38, 34-39.
- Neugarten, B. & Weinstein, K. (1964). The changing American grandparent. *Journal of Marriage and Family*, 26, 199-204.
- Oliveira, A. R. V., Gomes, L., Tavares, A. B., Cárdenas, C. J. (2009). Relação entre avós e seus netos no período da infância. *Revista Kairós Gerontologia*, 12, 149-158.
- Oliveira, P. (2003). Cultura e co-educação de gerações nas classes populares. Congresso Internacional de Co-educação de Gerações SESC São Paulo. Acedido a 2 de Setembro de 2011 em [www.sescsp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/89.rtf](http://www.sescsp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/89.rtf)
- Osuna, M. J. (2006). Relaciones familiares en la vejez: vínculos de los abuelos y de las abuelas con sus nietos y nietas en la infancia. *Rev Multidisciplinar de Grontologia*, 16, 16-25.
- Palacios, J. (2009.) The ecology of adoption. In G. M. Wrobel & E. Neil (Ed.) *International Advances Adoption Research for Practice*, (pp. 71-94). Oxford, UK: Wiley-Blackwell.
- Palacios, J. (2010). Familias adoptivas. In E. Arranz & A. Oliva (coord.). *Desarrollo psicológico en las nuevas estructuras familiares* (pp.51-67). Madrid: Ed. Pirâmide.
- Palacios, J., Sanchez-Sandoval, Y. & Sanchez-Espinoza, E. (1996). *La adopción en Andalucía Sevilla*; España: Junta de Andalucía. Consejería de Asuntos Sociales. Dirección General de Atención al Niño.
- Pallant, J. (2001). *SPSS Survival Manual: a step by step guide to data analysis using SPSS for Windows (version 10)*. Buckingham: Open University Press.
- Pastor, T. M. (2009). *Relação avós-netos e impacto na regulação emocional dos netos*. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia, não publicada. Porto: FPCEUP.
- Pereira, D. (2010). *As relações intergeracionais entre avós e netos: um estudo qualitativo*. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia, não publicada. Porto: FPCEUP.
- Pinazo, S. H. (1999). Significado social del rol de abuelo. *Revista Multidisciplinar de Gerontologia*, 9, 169-176.
- Pitcher, D. (2009). Adopted children and their grandparents: views from three generations. *Adoption & Fostering*, 33, 1,56-67.
- Putney, N. M. & Bengtson, V. L. (2003). Intergenerational relations in changing times. In J. T. Mortimer & M. J. Shanahan, (Ed.) *Handbook of The Life Course*, (pp. 149-164). New York: Kluwer Academic/Plenum.
- Queirós, I. (2005). *Natureza e qualidade da relação avós-netos e seu contributo para a auto-valorização global dos netos: um estudo exploratório*. Tese de Mestrado em Psicologia, não publicada. Porto: FPCEUP.
- Ranst, N. V., Verschuere, K. & Marcoen, A. (1995). The meaning of grandparents as viewed by adolescent grandchildren: an empirical study in Belgium. *Journal of Aging and Human Development*, 41, 311-324.

- Silverstein, M., Giarusso, R. & Bengtson, V. L. (1998). Intergenerational Solidarity and the grandparent role. In M. E. Szinovacz (Ed.), *Handbook on Grandparenthood*, (pp. 144-158). Westport: Greenwood Press.
- Singer, L. M., Brodzinsky, D. M. & Braff, A. M. (1982). Children's beliefs about adoption: A developmental study. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 3, 285-294.
- Soparkar, B. A. B. (1998). *Grandmothers' reactions to having adopted grandchildren*. Dissertação de Doutorado, University of Connecticut.
- Spitze, G. & Ward, R. A. (1998). Gender Variations. In M. E. Szinovacz (Ed.), *Handbook on Grandparenthood*, (pp. 113-127). Westport: Greenwood Press.
- Stella, A. (2004). *Netos e Avós: A matrilinearidade dos afectos*. Conferência apresentada no "II Congresso Português de Demografia". Fundação Gulbenkian, Lisboa, Portugal.
- Strom, R. D. & Strom, S. K. (2000). Intergenerational learning and family harmony. *Educational Gerontology*, 26, 261-283.
- Swartz, T. T. (2009). Intergenerational family relations in adulthood: Patterns, variations, and implications in the contemporary United States. *Annual Review of Sociology*, 35, 191-212.
- Taylor, A. C., Robila, M. & Lee, H. S. (2005). Distance, contact, and intergenerational relationships: Grandparents and adult grandchildren from an international perspective. *Journal of Adult Development*, 12, 33-41.
- Triadó, C., Martínez, G. & Villar, F. (2000). El rol y la importancia de los abuelos para sus nietos adolescentes. *Anuario de Psicología*, 31, 107-118.
- Triadó, C., Villar, F., Solé, C., Osuna, M.J. & Celdrán, M. (2006). Percepciones cruzadas entre abuelos y nietos en una muestra de díadas: una aproximación cualitativa. *Revista Española de Geriatria y Gerontologia*, 41, 100-110.
- Triadó, C., Villar, F., Solé, C., Osuna, M. J. & Pinazo, S. (2005). The meaning of grandparenthood. *Journal of Intergenerational Relationships*, 3, 101-121.
- Uhlenberg, P. & Kirby, J. B. (1998). Grandparenthood over time: Historical and demographic trends. In M. E. Szinovacz (Ed.), *Handbook on grandparenthood* (pp.23-39). Westport: Greenwood Press.
- Viguer, P., Meléndez, J. C., Valencia, S., Cantero, M. J. & Navarro, E. (2010). Grandparent-grandchild relationships from the children's perspective: Shared activities and socialization styles. *The Spanish Journal of Psychology*, 13, 708-717.
- Waggenpack, B. M. (1998). The symbolic crises of adoption: Popular media's agenda setting. *Adoption Quarterly*, 1, 57-82.
- Wegar, K. (2000). Adoption, family ideology, and social stigma: Bias in community attitudes, adoption research, and Practice. *Family Relations*, 49, 363-370.

## **ANEXO 1**

**Matriz de correlações entre as diferentes variáveis  
relativas à adoção e as variáveis relativas às dimensões  
da relação avós-netos adotados**

---



*Matriz de correlações entre diferentes variáveis relativas à adoção e as variáveis relativas às dimensões da relação avós-netos adotados.*

	<b>Tempo de adoção</b>	<b>Pensamentos dos avós nos primeiros contactos</b>	<b>Sentimentos nos primeiros contactos</b>	<b>Afeto transmitido à avó</b>
<b>Dimensão associacional</b>	-	-	-	.259*
<b>Dimensão funcional</b>	.278*	.517***	-	-
<b>Dimensão afetiva</b>	-	.344**	.292*	.312*

	<b>Afeto transmitido ao avô</b>	<b>Grau de integração do neto na família</b>	<b>Grau de satisfação com as características do neto</b>	<b>Frequência com que o avô fala com o neto sobre adoção</b>
<b>Dimensão associacional</b>	-	-	-	-
<b>Dimensão funcional</b>	-	.314*	-	.611*
<b>Dimensão afetiva</b>	.348*	.428***	.335**	-

	<b>Quantidade de mudanças pessoais no avô com a chegada do neto</b>	<b>Quantidade de mudanças na vida social do avô</b>	<b>Repercussão da adoção na vida dos avós</b>	<b>Percepção de felicidade como consequência da adoção</b>
<b>Dimensão associacional</b>	-	.295*	-	-
<b>Dimensão funcional</b>	.294*	.438***	.372**	.290*
<b>Dimensão afetiva</b>	-	-	-	-

	<b>Influência dos antecedentes genéticos no comportamento da criança</b>	<b>Interesse da criança pelo passado</b>	<b>Influência dos amigos e local onde vive no comportamento da criança</b>
<b>Dimensão associacional</b>	-.314*	-	-
<b>Dimensão funcional</b>	-	.271*	-
<b>Dimensão afetiva</b>	-.392**	-	.277*

\*p≤.05 \*\*p≤.01 \*\*\*p≤.001